



*Permaneçei  
em Mim* (Jo 15,4)

Dom Messias dos Reis Silveira  
Bispo Diocesano de Uruaçú / GO

CARTA PASTORAL II

## INDICE



|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 4  |
| CAPÍTULO I   |    |
| Minha história .....                                       | 6  |
| Origem .....   | 6  |
| Religiosidade .....  | 6  |
| Vocação .....  | 7  |
| Infância e adolescência .....                              | 7  |
| Zelo pastoral .....  | 8  |
| Encaminhamentos vocacionais .....                          | 9  |
| Seminário .....  | 9  |
| A leveza poética .....                                     | 10 |
| Ministérios e ordenações .....                             | 12 |
| Chamado ao episcopado .....                                | 12 |
| Comunicado da Nunciatura .....                             | 14 |
| Bula de Nomeação Episcopal .....                           | 14 |
| Mensagem de Monsenhor Messias ao ser nomeado bispo .....   | 15 |
| Homilia na Missa de Ordenação Episcopal .....              | 17 |
| Mensagem de Dom Messias após sua Ordenação Episcopal ..... | 20 |
| Homilia de posse de Dom Messias .....                      | 22 |
| Regional Centro-Oeste .....                                | 27 |
| Publicações .....  | 27 |
| Realizações na Diocese .....                               | 28 |
| Lema episcopal .....                                       | 29 |
| Recordar e projetar .....                                  | 31 |
| CAPÍTULO II  |    |
| Chamados à comunhão a partir da criação .....              | 33 |
| CAPÍTULO III   |    |
| A videira e os ramos .....                                 | 35 |

## CAPÍTULO IV

Os Apóstolos de Jesus e seus sucessores ..... 37

A origem e sucessão apostólica ..... 38

A catedral ..... 38

Insígnias ..... 40

1. Báculo pastoral ..... 40

2. Anel ..... 40

3. Mitra ..... 40

4. Pálio ..... 41

5. Outros sinais ..... 41

## CAPÍTULO V

Organismos de comunhão ..... 42

Concílios ..... 42

Sínodos ..... 42

Conferências Episcopais ..... 43

Províncias eclesiásticas ..... 44

Assembleia e avaliação pastoral ..... 44

Conselhos ..... 44

## CAPÍTULO VI

Indicações práticas ..... 47

A Santíssima Trindade e os santos ..... 48

Igreja ..... 48

3. O Papa ..... 48

4. O Bispo ..... 49

5. Província Eclesiástica ..... 49

7. Ecumenismo ..... 50

8. Conferência Episcopal ..... 50

9. Diocese ..... 51

10. Pastoral ..... 51

11. Assembleia Diocesana ..... 52

12. Plano de Pastoral ..... 52

|  |    |
|--|----|
| 13. Conselhos .....                        | 52 |
| 14. Liturgia .....                         | 52 |
| 15. Pastorais .....                        | 53 |
| 16. Sacramentos .....                      | 53 |
| 17. Visitas pastorais .....                | 53 |
| 18. Comunhão ferida .....                  | 54 |
| 19. Clero .....                            | 54 |
| 20. Religiosos e consagrados .....         | 56 |
| 21. Seminaristas .....                     | 56 |
| 22. Cristãos leigos .....                  | 56 |
| 23. Financeiro .....                       | 57 |
| Conclusão .....                            | 59 |
| Oração ao Imaculado Coração de Maria ..... | 60 |

## INTRODUÇÃO



Este ano de 2017 é especial para mim, porque me faz reviver o chamado de Deus para servir na sua Igreja. É um ano de ação de graças. Há 39 anos deixei a casa de minha família para ir ao Seminário. Um intenso chamado de Deus me fazia partir. Era difícil deixar tudo, mas algo que eu não compreendia me fez partir. Cheguei no Seminário. Ali fui lapidado e preparado para ser sacerdote. Neste ano completo 25 anos de ordenação sacerdotal. Data que marcou minha vida. Também neste ano completo 10 anos de ordenação episcopal. E nossa Diocese faz 60 anos de instalação. Num contexto mais amplo celebramos os 10 anos da V Conferência de Aparecida, 50 anos da Renovação Carismática Católica, 100 anos das aparições de Nossa Senhora de Fátima e 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba do Sul.

Pensei em marcar esse tempo com orações, meditações, com o rejuvenescimento de meu zelo pastoral, ressignificação de algumas realidades pessoais e deixar uma marca deste tempo com uma Carta Pastoral inspirada no meu lema Episcopal "Permanecei em mim" (Jo 15,4), que é um chamado à comunhão.

A minha história e as minhas preocupações pastorais se tornam as tintas que vão impregnando as páginas desta carta. Ela está marcada com o sangue que movimenta em minhas veias, com minhas lágrimas nas horas de emoção e de desespero, com o meu amor, com o carinho e a ternura das pessoas a mim confiadas, e com o amor da Virgem Maria e da Santíssima Trindade.

Falo da minha história, da minha origem simples e do esforço para crescer. Uma tensão divina e afetiva me fez vir até aqui. Caminhei na direção da terra prometida, mas não tenho certeza se já cheguei, pois a cada dia Deus abre uma cortina à minha frente e vejo um novo horizonte.

Nesta carta recordo o mistério da salvação. Uma história de amor de Deus com a humanidade. Deus fez uma História Sagrada e está me ajudando a fazer uma sagrada história de vida, apesar das minhas limitações na redação da minha vida. Muitas vezes escrevo parágrafos que não deveriam ser escritos, uso tintas impróprias e rasuro o texto existencial. Mas Deus está me ensinado a conviver com o que ele está fazendo de mim, com o que estou conseguindo ser e com o que, algumas vezes, me torno sem querer tornar-me.

O meu modo imperfeito de ser não impede que a grandeza de Deus e de seus sonhos sejam abraçados por mim e se realizem. Por isso ousou sonhar esperanças humanas e pastorais. Tudo isso coloco nas páginas desta Carta Pastoral. Quem a ler vai encontrar nela um pouco de mim, mas espero que encontre muito de Deus. Encontre esperanças para a nossa Diocese, por isso a Carta é finalizada com indicações práticas.

Permanecer em Cristo não é se encolher, se acomodar, mas é se tornar verdadeiramente discípulo e caminhar. Permanecer com Cristo é ir com Ele ao encontro das pessoas, anunciar o Reino, ir aos enfermos, curar os feridos, orar ao Pai, subir à montanha e descer, é subir ao Calvário, morrer e ressuscitar, pois todo discípulo nasce no caminho da ressurreição, assim me disse meu velho pai, que já mora com Deus.

Com alegria e emoção entrego a vocês esta Carta Pastoral. Ela narra o chamado de Deus a mim, as ações pastorais acontecidas e indicações a serem realizadas na Diocese. Deixemo-nos ser conduzidos pelo Espírito que sopra onde quer.

## CAPÍTULO I

### Minha história

#### **Origem**

Vou lhe contar um pouco de minha história. Nasci em 1958, no dia 25 de dezembro, na cidade de Passos-MG. Recebi o nome de Messias porque uma freira aconselhou a minha mãe a dar-me este nome devido à data de meu nascimento, dia de Natal. O meu sobrenome Reis está ligado ao dia do meu Batismo, 06 de janeiro, data em que se comemorava a Epifania do Senhor (Popular Festa de Santos Reis). Fui batizado na Paróquia São Benedito, em Passos-MG, pelo padre Daniel, o qual posteriormente deixou o ministério e morreu assassinado. Sou filho de Messias Carlos da Silveira e de Maria Gonçalves de Jesus (Ambos falecidos). Tenho 2 irmãos e 3 irmãs. Todos casados. Vivi a infância, a adolescência e o início da juventude na zona rural. Trabalhei um pouco na roça e também fui balconista ajudando o meu pai num pequeno armazém que possuía. Naquele armazém vendia-se o básico para a vida na roça. Sou membro de uma família pobre e simples.

#### **Religiosidade**

Sou oriundo de uma família católica, temente a Deus. Minha família tinha o costume rezar o terço todos os dias. Era bonito pais e filhos se colocarem em oração todas as noites. Ao menos uma vez ao ano nós íamos à cidade para participar da Missa dominical, especialmente por ocasião da Páscoa. Mas quando o meu pai adquiriu um rádio, todos os domingos antes de iniciar qualquer atividade, a família se reunia em torno do rádio para ouvir a Missa. Quando eu era adolescente sempre era chamado para fazer orações nas casas dos vizinhos e ali rezava o terço. Gostava muito destes momentos de orações e os fazia com muito respeito. Para mim era uma grande satisfação ser chamado para rezar o terço em alguma casa. Aprendi a rezar o terço com meu pai. Um dia pedi a ele que me ensinasse a contemplar os mistérios do rosário.

Ele os escreveu em um papel de embrulhar pães e eu os decorei. É uma pena eu não ter guardado aquele pequeno manual de orações escrito por meu pai. O manual tinha uma página somente. O importante é que seu conteúdo está gravado em minha memória e no meu coração.

## **Vocação**

Eu sempre quis ser padre. Não sei quando surgiu a minha vocação, pois desde pequeno sentia-me vocacionado. Certamente a inquietação vocacional teve origem no testemunho da minha família. Fui incentivado a ser padre também pela minha professora de primeiras letras, a senhora Aparecida Paim. Queria ingressar-me no seminário quando era pequeno, mas algumas pessoas me desestimularam dizendo que era muito difícil. Também a minha família não possuía recursos financeiros para sustentar-me no seminário. Por esse motivo, após cursar a 4ª série, parei de estudar e senti que estava encerrada para mim a questão vocacional. Comecei a trabalhar com meu pai exercendo o ofício de balconista.

Mas sempre que ouvia falar do tema vocação, um estremecimento interior me movia e eu desejava ardentemente responder àquela inquietação. Um dia encontrei um endereço de seminário dos Franciscanos em um calendário do Sagrado Coração de Jesus. Escrevi-lhes manifestando o meu desejo. Penso que minha carta continha a ingenuidade de menino da roça, não merecia crédito e por isso nunca recebi a resposta. O tempo foi passando e o desejo vocacional passeava por dentro de mim.

## **Infância e adolescência**

Fui um menino da roça. O bairro rural onde os meus pais residiam era bastante simples. Era uma vila habitada por muitas pessoas humildes, analfabetas e na maioria negras.

A casa onde eu vivia era de taipa e depois passou a ser de adobe, não tinha piso, os bancos eram pequenos caixotes ou latas, tudo improvisado. Cheguei até mesmo dormir em camas improvisadas feitas de madeira cortada nas matas da redondeza, o colchão era de palha. Às vezes acordava de noite e minha mãe, com uma lamparina, estava per-

correndo a casa dizendo: “Entrou uma cobra aqui”. O medo era grande. Quem mora na roça vive essas coisas. Meu pai além de pequeno comerciante era pedreiro, lavrador e cisterneiro. Era com o exercício de pesados trabalhos que ele sustentava o nosso humilde lar.

Eu sempre me esforçava para cultivar a piedade. No início da adolescência li a História Sagrada e fiquei encantado com a revelação de Deus, mas tive, também naquela época, a minha primeira crise de fé, pois ficava me perguntando se todos aqueles milagres eram verdadeiros. Mais tarde conheci a vida de São Geraldo Majella. Gostei muito do seu exemplo e o tomei como modelo de vida. Não tive catequese. Meu pai me ensinou alguns princípios religiosos e eu fui me confessar. Consegui me confessar, mas na hora da comunhão o padre não me quis dar a hóstia, penso que ele achou que eu era muito pequeno. Olhei como as pessoas saíam diante do padre após comungarem e, então, coloquei minhas mãos postas, encurvei-me um pouco e voltei para junto de meus pais. Esperei mais alguns meses, confessei novamente e então, consegui comungar. Recordo-me que uma vez fui para a igreja descalço porque não tinha sapatos. As pessoas me olhavam muito, especialmente para os meus pés brancos, mas eu procurava me concentrar na Missa. Fui incentivado por meu pai a fazer as nove primeiras sextas-feiras do mês. Nesse dia ia da roça para a cidade, fazia a minha confissão, participava da Missa e comungava. Foi uma devoção que me deu sustento espiritual por um bom período de minha infância e adolescência.

## **Zelo pastoral**

Quando eu era jovem, em 1977, após ter feito um encontro vocacional, em Aparecida-SP, reuni as pessoas, meus vizinhos e dinamizei uma comunidade que existia lá roça. Passamos a nos reunir para rezar e meditar a palavra de Deus. Existia uma capela no bairro, mas nela não se fazia nenhuma ação pastoral. Foi ali que aconteceu a minha primeira ação pastoral, enquanto comunidade, pois já fazia a reza dos terços nas casas.

Duas vezes por semana nos reuníamos para os nossos momentos de espiritualidade. Aos domingos começamos a fazer a celebração da Palavra de Deus. O povo participava com muita devoção.

## **Encaminhamentos vocacionais**

Quando completei dezoito anos achava que não tinha mais possibilidade de levar adiante o meu sonho vocacional, mas um tio me incentivou e, então, comecei a me corresponder com o seminário. Encontrei um endereço de seminário no livrinho “Fé e Vida”, escrito pelos missionários redentoristas, fiquei animado e fiz contato. O meu contato com o seminário era secreto, de forma que meus pais não o soubessem.

Passado algum tempo recebi uma carta do padre promotor vocacional, fui ler a carta dentro da casinha da privada que tínhamos lá na roça, para ninguém descobrir meu segredo. Na carta o padre dizia que iria visitar-me, fiquei muito preocupado e então decidi contar aos meus pais. Não foi fácil, mas contei. Eles, a partir daquele momento ofereceram-me muito apoio. A visita do padre promotor vocacional nunca aconteceu. Em 1977 fui fazer um encontro vocacional em Aparecida-SP. Sabia que não tinha estudado suficientemente para iniciar os estudos para ser padre e, então, pensei em ser irmão religioso. Mas durante o encontro senti que minha vocação era ser padre e por isso precisava lutar. Voltei para casa decidido a reiniciar os estudos. Assim o fiz viajando todos os dias cerca de 15 quilômetros para frequentar o colégio; às vezes ia de ônibus e outras vezes pegava corona. Frequentei aquele colégio durante um ano. Neste mesmo tempo fiz contato com o Seminário Santíssimo Redentor, dos missionários redentoristas, em Sacramento-MG. Ali eles me disseram que me aceitavam com o grau de estudos que eu possuía. Em janeiro de 1978 participei do encontro vocacional, fui aprovado e então iniciei os preparativos para ingressar-me no seminário.

## **Seminário**

No dia 11 de fevereiro de 1978 ingressei-me no Seminário Santíssimo Redentor, em Sacramento-MG, para cursar a 6ª série. O seminário era dos padres redentoristas. Aquele foi um dia que marcou a minha história. Era a primeira vez que saía do lar de meus pais para morar fora. Viajei um dia inteiro para chegar ao seminário. Eu era muito tímido, mas dentro de mim existia algo que me impulsionava e por isso fui vencendo a timidez. Ali fiquei até a conclusão do Ensino Médio. Foi uma etapa muito bonita de minha vida.

Depois fui transferido para Campinas-SP, onde cursei Filosofia na PUCAMP. O meu tempo de Filosofia foi meio conturbado. Tive algumas crises. Em meados de 1986 decidi interromper os estudos, deixei a Congregação dos Missionários Redentoristas e voltei para a casa de minha família. Confesso que estava meio perdido, sem rumo. Fui viver novamente lá na roça, na simplicidade de um lar amoroso. Aos poucos fui me organizando para o trabalho. Fui ser representante comercial, vendendo alumínio e confecção infantil. Viajei pelo Triângulo Mineiro, Sul de Goiás, Sul de Minas e Zona da Mata, em Minas Gerais. Os recursos para essas viagens eram precários. Algumas vezes ia de ônibus e posteriormente comprei um fusca velho para viajar. À noite parava nos postos de abastecimento de combustível e dormia dentro do fusca. Foi uma pesada, mas gratificante, experiência de trabalho.

Após um ano e meio de trabalho e estando já mais estabilizado, sentindo que a vocação permanecia, deixei o emprego e comecei a encaminhar meu retorno ao seminário. Sempre tive um pendor pela vida do padre diocesano, mesmo estando no Seminário Redentorista. Fiz alguns contatos com o Bispo Dom José Alberto Lopes de Castro Pinto. Ele me recebeu um dia em sua casa e me disse que eu estava aprovado para ingressar no Seminário Diocesano. Fui à Catedral para rezar. As escadarias eram enormes. Cada degrau subido era um louvor a Deus pelo chamado e por ter sido aceito no seminário. Entrei na igreja e no silêncio me pus em oração. Foi naquela catedral que depois fui ser pároco e de lá saí como Bispo.

Em 1988 ingressei no Seminário da Diocese de Guaxupé, minha Diocese de origem, fui morar no Seminário Maria Imaculada, em Brodowsk-SP, onde estudavam os seminaristas da Diocese. A luz vocacional estava novamente acesa e rasgava a escuridão do meu caminho. Cursei Teologia no CEARP (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto) pela Diocese de Guaxupé. Ali fiquei quatro anos. Nos finais de semana viajava para Passos-MG, onde na Paróquia Senhor Bom Jesus dos Passos fazia o meu estágio pastoral. Nesta paróquia fui ordenado Diácono no dia 02 de agosto de 1991.

## **A leveza poética**

No Seminário Santíssimo Redentor, onde ingressei cheio de sonhos no ano de 1978, na cidade Sacramento Minas Gerais, aconteciam os

Festivais de Arte e Cultura. Certa vez poetizei minha partida de casa e apresentei essa história-vida para concorrer no festival. Essa poesia ganhou o primeiro lugar e ela retrata um pouco da dor da saudade de quem parte, mas não se deixa vencer pela saudade, pois existe uma esperança maior.

## **NÃO CHOREI**

Eu não chorei quando parti,  
Mas senti um nó na garganta  
Ao ver olhos molhados de lágrimas.  
O sangue, a seiva do meu ser,  
Correu forte em minhas veias  
E juro, não chorei, mas quase não parti.

Sem dizer muitas palavras  
A minha mãezinha abracei.  
O vento soprando sobre seus cabelos  
Fazia um emaranhado querendo me deter,  
Mas fui forte naquela hora,  
Pedi a bênção a senhora... Mas,  
O "Deus o abençoe" quase parou na garganta.  
Lágrimas quentes molharam o seu rosto  
E não chorei, mas quase não parti.

O tempo era veloz.  
Não sei, meu Deus como fiz.  
Uma família chorava por mim,  
Uma multidão esperava,  
O "vem e segue-me", insistia.

Uma decisão séria tomei:  
Disse adeus, sem muita cerimônia.  
Em casa, alguns ficaram boquiabertos,  
Outros me acompanharam até a rodovia.  
Ao Santa Cruz acenei e nele me embarquei.

Era duro tudo aquilo.  
Uma família que ficava, um filho que partia

E juro, não chorei, mas até hoje não esqueci.  
E sei, um dia posso chorar,  
Quando realizar o ideal, encarnado, vivido,  
Fruto da luta de um filho querido  
Que não chorou, não por ser forte,  
Mas para que seu ideal  
Não parecesse com a morte.

## **Ministérios e ordenações**

Tendo retornado ao Seminário senti que as responsabilidades foram chegando. Recebi os ministérios de Leitor e Acólito no dia 12 de dezembro de 1990, na comunidade São Bento, município de Alpinópolis-MG, onde reside minha família. Foi um dia de Graça Divina em minha vida. Concluí os estudos teológicos em 1991. Aos 02 de agosto de 1991 fui ordenado diácono na paróquia Senhor Bom Jesus dos Passos, em Passos-MG. A pedido do Bispo fiz estágios pastorais passando um mês em várias paróquias da diocese.

No dia 11 de agosto de 1992 fui ordenado presbítero na Igreja Matriz S. Sebastião, em Alpinópolis-MG. A celebração aconteceu numa terça-feira. Muitos sacerdotes e fiéis superlotaram aquela igreja. Era a conclusão de uma importante etapa em minha vida. Eu passava a viver como sacerdote. A partir daquele momento me coloquei a disposição da Diocese de Guaxupé para servir onde fosse necessário.

A maior parte do meu ministério presbiteral foi exercida na formação dos seminaristas, entretanto auxiliei em vários outros trabalhos na Diocese. Desde que fui ordenado diácono, até o momento de minha nomeação episcopal, trabalhei em 16 paróquias. Exerci vários cargos na minha Diocese de origem tais como: administrador paroquial, pároco, membro do colégio de consultores, conselho de presbíteros, reitor e ecônomo do seminário, professor no seminário e coordenador da pastoral presbiteral.

## **Chamado ao episcopado**

No dia 18 de dezembro de 2006 recebi um telefonema do senhor Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri, que me pediu que fosse à

Brasília para tratar de um assunto importante. No dia 20 de dezembro encontrei-me com ele que me comunicou ser portador de uma notícia que iria mudar o rumo de minha vida e me marcaria para sempre tratava-se do comunicado que o Santo Padre, o Papa Bento XVI, havia-me nomeado Bispo da Diocese de Uruaçu-GO. Era necessário que fosse apresentado o meu assentimento por escrito, ficando a notícia protegida pelo sigilo pontifício até o dia 03 de janeiro, data escolhida para a publicação oficial. Eu poderia renunciar, porém ficaria também com uma marca negativa em minha vida, no sentido de ter dito “não” ao pedido da Igreja.

Sem conhecer para onde estava sendo enviando, eu disse o meu “sim” e aguardei no silêncio o dia da publicação. Assim vivi um tempo de recolhimento e oração me preparando para a minha nova missão, até que no dia 03 de janeiro de 2007 a notícia se espalhou rapidamente.

A minha Ordenação Episcopal aconteceu no dia 11 de março de 2007, em Guaxupé-MG, no ginásio de esportes daquela cidade. Fui ordenado por Dom José Geraldo Oliveira do Valle, Bispo Emérito de Guaxupé. Foi ele quem me conferiu os ministérios de leitor e acólito, ordenou-me diácono e padre. Na homilia ele me recordou que eu havia chegado ao episcopado não por mérito meu, mas por graça de Cristo que havia me chamado e confiado aquela missão, através da Igreja. Foram Bispos Co-ordenantes Dom José Silva Chaves, que na ocasião era Administrador Apostólico de Uruaçu, e Dom João Braz de Aviz, que era Arcebispo de Brasília.

A minha posse canônica na Diocese de Uruaçu aconteceu no dia 25 de março de 2007, no Ginásio de esportes do Seminário São José. Houve a participação de muitos fiéis leigos, seminaristas, religiosos, consagrados, sacerdotes e bispos, inclusive do senhor Nuncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri. Assim, com alegria, esperança, mas também com temor e tremor, iniciei o meu ministério episcopal nesta amada Diocese.

## Comunicado da Nunciatura

Nunciatura Apostólica no Brasil

PESSOAL – RESERVADA  
SOB SIGÍLO PONTIFÍCIO

N. 8760

A Nunciatura Apostólica no Brasil comunica que o Santo Padre Bento XVI, **acolhendo o pedido de renúncia** apresentado pelo **Excelentíssimo Dom José Silva Chaves** em conformidade com o cân. 401.1 do Código de Direito Canônico, **nomeou Bispo da Diocese de Uruaçu** no Estado de Goiás, o **Reverendo Padre Messias dos Reis Silveira**, atualmente membro da Equipe de Formadores e Pároco da Catedral da Diocese de Guaxupé.

A notícia será publicada no Jornal “L’Osservatore Romano” **do dia 03 de janeiro de 2007**, quarta-feira, às 12 horas de Roma, devendo ficar protegida pelo **SEGREDO PONTIFÍCIO** até essa data.

Brasília, 26 de dezembro de 2006  
Nunciatura Apostólica no Brasil

## Bula de Nomeação Episcopal

Bento, bispo, servo dos servos de Deus.

Ao caro filho Messias dos Reis Silveira do clero da diocese de Guaxupé, eleito bispo de Uruaçu, saudação e Bênção Apostólica. O pesado encargo que exercemos de Supremo Pastor de todo o rebanho do Senhor, hoje, entre outras coisas, pede-nos que provejamos a diocese de Uruaçu, vacante pela renúncia do Venerável Irmão José da Silva Chaves. Como tu, dileto filho, dotado de excelentes qualidades e perito nas questões eclesiais, foi considerado pelo Conselho da Congregação para os Bispos digno de regê-la, com a Nossa autoridade Apostólica te nomeamos Bispo de Uruaçu com todos os direitos e obrigações. Permitimos que sejas ordenado por qualquer Bispo católico de fora da cida-

de de Roma, observadas as leis litúrgicas. Antes, porém, debes fazer a profissão de fé católica e fazer o juramento de fidelidade para conosco e nossos sucessores à norma dos sagrados cânones. Mandamos, além disso, que dêis conhecimento dessa carta ao clero e ao povo da mesma diocese, aos quais exortamos para que te acolham com boa vontade e permaneçam unidos a ti. Para ti, enfim, dileto filho, por intercessão da Virgem Aparecida, pedimos os dons do Espírito Paráclito, para que, por eles ajudado, apascentes de tal modo os fiéis confiados aos teus cuidados que eles procurem cada dia observar os mandamentos de Deus e ouvir as Suas palavras e levá-las à prática, lembrados da divina afirmação: “Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4,4). Sua graça e paz estejam sempre contigo e com a comunidade eclesial de Uruaçu, que nos é muito cara.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 3 de janeiro do ano do Senhor dois mil e sete, segundo do Nosso Pontificado.

Bento Papa XVI

## **Mensagem de Monsenhor Messias ao ser nomeado Bispo**

Amado povo da Diocese de Uruaçu

Quero saudar Dom José Silva Chaves, os padres, os diáconos, as religiosas e os religiosos, os seminaristas e os cristãos leigos e leigas. Desejo que paz de Deus esteja com todos vocês. A graça de Deus mais uma vez chegou até mim e quero levá-la até vocês.

Venho expressar a minha primeira mensagem a todos vocês enquanto ainda estou vivenciando os emocionantes sentimentos que me envolveram desde que tomei conhecimento de minha nomeação episcopal para esta nossa querida Diocese de Uruaçu. Nestes dias tenho experimentado grande paz interior, pois me sinto escolhido por Deus e sei que serei enviado por Ele até vocês. Estou me preparando para ser ordenado e depois enviado para esta minha nova família de irmãos. Seremos irmãos e trabalharemos juntos servindo com amor.

Não nos conhecemos, mas em breve as notícias começarão a chegar e aos poucos a distância vai sendo rompida através da comunica-

ção que vai certamente gerar amizade, afeto e muita disposição para trabalharmos juntos em favor da Igreja de Uruaçu. Quero ir até vocês no início de fevereiro para lançar um primeiro olhar sobre a realidade que me espera e também para me deixar ser avistado por aqueles que vou encontrar. Terei um encontro com dom José Chaves e com os padres no dia 06 de fevereiro.

Repetindo Santo Agostinho posso dizer que ninguém ama o que não conhece, mas depois que ama nunca mais esquece. Estou ansioso para começar a conhecê-los e começar um processo de empatia, falar de nossas expectativas e sonhos eclesiais. Quero morar no coração de cada pessoa e desejo fazer de minha vida uma habitação de paz a todos os diocesanos e diocesanas de Uruaçu. Esta frágil habitação humana, que sou, sem dúvidas vive dentro de uma habitação maior que é coração de Deus. Tenho falado com Deus sobre vocês e sobre a nossa futura convivência pastoral. A minha primeira preocupação será a de conhecer e rezar a vida das pessoas, a história da diocese e toda a realidade que vai se descortinar a minha frente.

Vamos caminhando com fé e esperança, pois sabemos que Deus está conosco. Esta certeza sempre norteou a minha vida. Sei que Ele está conosco não para resolver todos os nossos problemas, mas principalmente para ser solidário conosco e nos entusiasmar na construção da vida em abundância, anunciada por Jesus.

Tudo para mim é novo. Gosto de novidades, pois Deus dotou o ser humano com o dom da criatividade e diante Dele tudo se renova. Esta novidade para mim chamada de Diocese de Uruaçu já começou a fazer parte da minha vida.

Tenho facilidades para me adaptar e em breve creio que seremos uma família. Quero contar com ajuda de todos, pois "juntos seremos mais".

Venha sobre cada um de nós e seja acolhida a bênção, a paz e a ternura de Deus.

Um abraço fraterno e desejo que Deus esteja com cada um de vocês.

Monsenhor Messias dos Reis Silveira  
Guaxupé, 04 de janeiro de 2007

## Homilia na Missa de Ordenação Episcopal

\*Dom José Geraldo Oliveira do Valle

Os evangelhos nos contam que Jesus após passar a noite inteira em oração, chamou os discípulos e entre eles escolheu doze, os que Ele quis para que ficassem com Ele. Assim se manifesta o mistério da eleição; é um ato de amor, livremente querido por Jesus, em profunda união com o Pai e o Espírito Santo. Por isso, querido Messias, dispa-se de todo sentimento de orgulho e vaidade, pois não foram seus méritos, mas a benevolência de Deus que o escolheu.

Nutra sim uma alegria imensa e renda graças contínuas pela sua eleição.

Fico triste quando alguém ao se aproximar de um recém-nomeado bispo dá ênfase aos problemas e cruces que enfrentará, quase manifestando sentimentos de pesar.

Estou convencido que a ótica deve ser mudada! O enfoque deverá ser de intensa felicidade, pois, sentir-se amado pelo Pai-Deus que nos confia a missão de sucessores dos Apóstolos nos dá uma responsabilidade sobre toda a Igreja, nos reserva uma porção do seu povo para nos doarmos como pai e pastor, com a efusão do Espírito Santo nos comunica a plenitude do sacerdócio, tudo isto deve nos envolver e vencermo-nos como nos disse João Paulo II que é fascinante ser bispo.

As cruces fazem parte da caminhada de todos nós, neste mundo, e não é um privilégio do bispo.

As cruces, os sofrimentos, querido Messias, são oportunidades que devemos aproveitar para provar a Jesus que o amamos, bem como a sua santa Igreja.

Os Atos nos lembram que “os apóstolos deixaram o sinédrio muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo nome de Jesus”. Portanto, as cruces são chances preciosas que devem ser saboreadas como prova de amor ao Pai-Deus. Posso garantir-lhe querido filho que as consolações são superiores às provações.

Cultive seu senso de alegria e seja e manifeste que você é feliz.

Sua caminhada nesta querida diocese foi sempre vivida no cumprimento da vontade de Deus. Revendo sua história estou convencido que Deus o foi preparando para ser um pastor experiente e devotado. Você nunca recusou um pedido meu e sempre desempenhou as várias missões que lhe foram confiadas com amor e ardor! Não concebo al-

guém que se doa a Deus e a seu serviço que seja triste, quase arrependido do SIM pronunciado.

Jesus constituiu doze para andarem com Ele.

Você escolheu como lema de sua vida - Permanecei em mim - o estar com Jesus, ser íntimo de Jesus é exigência fundamental para a própria santificação e a do povo. Continue como é seu costume, dar todo o dia um tempo longo para estar com Ele. Antes de se recolher ao leito, para o justo descanso, reserve seus últimos momentos para um colóquio filial com Jesus Sacramentado. Conte a Jesus seu dia, enumere as coisas boas e santas que você conseguiu com a graça de Deus realizar, ofereça-se a Ele como ofertório. Recorde também a Ele suas imperfeições, fraquezas e implore o perdão e prometa recomeçar mais um dia se for vontade do Pai-Deus.

Não permita que as múltiplas ocupações atrapalhem o tempo de estar com Jesus.

No trato com o povo, seja um homem simples; não deixe que o episcopado desfigure suas raízes rurais. O povo só se aproxima dos simples, dos humildes, dos sem pompa, dos que se igualam, dos que sabem rir juntos, partilhar a vida sem se vulgarizar.

Querido Messias, seja um bispo ardoroso, coloque-se inteiro no que você fizer, ponha alma, vida, paixão em todos os seus atos. Você se realizará e o povo sentirá que você acredita no que faz. Não faça nada mecanicamente, ou simplesmente para se desincumbir de algo! É melhor não fazer do que fazer de qualquer jeito.

O ardor apostólico é muito mais contagiante que as palavras, por mais bonitas ou estudadas que sejam.

Tenha em Maria, a Mãe terna (e maternal), o modelo de entrega a Deus e à sua santíssima vontade.

Que ela seja a sua confidente, que Nossa Senhora das Dores o cubra com seu manto e o guie sempre; ela é nossa estrela, nossa guia, nosso modelo, nossa mãe amorosa, paciente e compreensiva, que saberá reconhecê-lo em todos os momentos.

Padre José Augusto, o administrador diocesano de nossa querida diocese fez um acróstico em sua homenagem que li e senti um programa de vida.

### **M**anter a fé na noite escura

A fé em Deus, graça inestimável, é o luzeiro que deve iluminar nossa vida. Sem fé nossa vida não tem consistência, nem sentido!

O monge Marcelo Barros nos lembrava que Deus brinca conosco

de esconde-esconde! Por isso, mesmo nas mais difíceis circunstâncias - acredite - Deus está a seu lado.

### **Ensinando os caminhos do Senhor**

Evangelizar é a missão da Igreja e o bispo deverá ser um apóstolo - missionário - que vive e proclama a mensagem de Jesus, oportuna e inoportunamente, sem se cansar e sem trégua.

### **Saber-se frágil mas capaz de dar a vida**

Somos pessoas humanas e por conseguinte limitadas. Entretanto, mesmo frágeis é possível entregar-se, doar-se, multiplicar-se. Nossa missão merece que demos tudo e se necessário a vida.

### **Saber-se forte, e capaz de ser humano**

Deus nos deu tantas graças e favores que temos muito a oferecer; nossa experiência, nossos dons, nosso vigor. Entretanto, tudo isso, sem o condimento da compreensão, da misericórdia, do perdão, do acolhimento é sino que retine.

### **Ir além das aparências e convenções: ver o coração**

Aqui se depara o mistério da comunicação! Entender exatamente o que o outro quer falar quando há formalismo, suspeitas, desconfianças, medo (a comunicação é falha).

Só há um meio para uma comunicação afetiva. É afetiva quando se ouve, se sente o pulsar de coração a coração! Quem é ouvido com o coração jamais se esquecerá do diálogo.

### **Amar sempre e sempre amar de novo.**

É o mandato novo do Senhor. "Nisto conhecereis que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros".

Não se cansar de amar a todos - nunca se cansar de amar - pois, se um dia isso acontecer que valor tem nossa vida, nosso ministério?

### **Santo! Santo é o Senhor! O Salvador do povo!**

Aqui está o centro. Jesus é quem devemos anunciar!

Messias - seja feliz! Sou-lhe grato. Vou rezar por você.

Dom José Geraldo Oliveira do Valle.  
11 de março de 2007

## Mensagem Dom Messias após sua Ordenação Episcopal

Amados irmãos e irmãs!

Estou consciente que agora sou bispo. Sei que a Igreja me confiou uma importante missão e sei que sou pobre demais para realizá-la, mas creio que o Mestre interior me dará a sabedoria necessária para completar o que falta em minha pobreza humana. Sinto-me agora atravessado pela paz de Deus e as minhas primeiras palavras são de gratidão.

Quero agradecer ao nosso Deus Pai, criador da vida, por me conduzir até aqui com muitos gestos de ternura. Sinto-me cada vez mais mergulhando no mistério de seu amor e participante das surpresas que Ele apresenta na trajetória da vida. O episcopado é uma surpresa que veio Dele. Não pode ser algo apenas humano. Há algo Divino neste acontecimento.

Agradeço à Igreja que no início de minha vida me acolheu como cristão e deste cristão fez um diácono, padre e hoje bispo. Obrigado Mãe Igreja que na pessoa do Santo Padre, o papa Bento XVI, me nomeou bispo da Diocese de Uruaçu. E foi por causa da aprovação de muitos irmãos e irmãs e da confiança desta dileta Mãe, que hoje aqui nos reunimos, na fé, vindos de várias comunidades cristãs para este momento tão especial, não apenas meu, mas da Igreja.

Agradeço a presença de todos vocês amados irmãos e irmãs que, tocados por Deus, aqui chegaram para celebrar esta santa Liturgia.

Obrigado pela presença das autoridades civis, militares e religiosas.

Ao senhor Abrãozinho, prefeito de Guaxupé, agradeço a disponibilidade em ceder este espaço para a realização desta cerimônia.

A vocês meus familiares um beijo no coração de todos. A família é muito importante para mim e louvo a Deus pela família que tenho, pelo meu pai, por minha saudosa mãe que já mora definitivamente com Deus, pelos meus irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, cunhadas e todos os parentes.

Acabamos de participar de um encontro da terra com o Céu. Esta Liturgia aconteceu de forma tão maravilhosa graças ao esforço de muitas pessoas. É justo mencionar aqui o apoio do administrador diocesano de Guaxupé.

Padre José Augusto, o seu apoio especialmente nestes dias, colocando a estrutura diocesana a serviço deste acontecimento, foi uma demonstração de fraternidade presbiteral e na sua pessoa agradeço a

todos os irmãos padres, diáconos e seminaristas da Diocese de Guaxupé. Ser padre nesta Diocese, fazer parte deste presbitério foi uma dádiva de Deus.

Obrigado à comunidade da Catedral Nossa Senhora das Dores e a todas as outras paróquias que prestaram aqui o seu serviço.

Pelo enlevo espiritual aqui experimentado é justo agradecer ao coral formado pelos corais da Catedral e seminaristas do Seminário São José. Vocês contribuíram muito para que esta Liturgia nos levasse ao encontro com Deus.

Agradeço a presença dos Missionários Redentoristas que me ofereceram parte da formação inicial.

Agradeço a presença da Associação dos Ex-seminaristas Redentoristas que continuam nos ajudando a não esquecermos do amor com que a Congregação do Santíssimo Redentor cuidou de nós.

Obrigado pela presença dos senhores arcebispos, bispos, padres, diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas e cristãos leigos.

Quero saudar o caríssimo irmão Mons. João Bosco nomeado bispo de União da Vitória que será ordenado bispo no próximo dia 25 de março, dia em que tomarei posse, em Uruaçu.

Aos bispos co-ordenantes: Dom José Chaves, que por quase 40 anos serviu à Diocese de Uruaçu e a Dom João Braz, arcebispo de Brasília, o meu sincero agradecimento. A presença dos senhores aqui é sinal da unidade da província eclesial a qual vou pertencer e já estou amando.

Dom José Geraldo, o senhor conhece muito bem o meu caminho vocacional. O senhor teve grande participação em minha vida, pois acompanhou parte da minha formação, ordenou-me diácono, padre e hoje bispo. Sou muito grato por tudo o que senhor fez por mim. Dizer obrigado é pouco, por isso o meu agradecimento se renovará sempre no cultivo de nossa amizade.

Quero dirigir-me agora aos meus futuros diocesanos. A vocês queridos irmãos, irmãs, padres, diáconos, seminaristas e cristãos leigos da Diocese de Uruaçu aqui presentes e aos que nos acompanham pela rádio Coração Fiel, digo que desde o dia em que tomei conhecimento de minha nomeação, vocês já vivem em meu coração. Já os amo e os amarei ainda mais e este caminho afetivo deve nos conduzir ao Coração de Deus. Obrigado porque vocês estão aqui e digo que com prazer estarei no meio de vocês descobrindo as maravilhas dos mistérios

que Deus vai nos revelando dia a dia. Vamos olhar juntos numa mesma direção, lá onde descobriremos o que Deus sonha para nós. Louvado seja o nosso Deus que nos amou, ama e nos convida a participar da sua Igreja. E tenham certeza, eu vou com alegria participar da Igreja Diocesana de Uruaçu. Amém.

## **Homilia de posse de Dom Messias**

“Ninguém te condenou, eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais”!!!

“Permaneçei em Mim”.

No Templo, o povo se reuniu em volta de Jesus. Naquela reunião as pessoas esperavam algo Dele. Queriam receber uma mensagem para a vida. Estavam atentas a todas as palavras e gestos Dele.

Enquanto Jesus ensinava, chegaram algumas pessoas com desejos maldosos, tinham um coração duro, nada afeiçoado à misericórdia. Aquelas pessoas apoiadas na lei queriam ouvir de Jesus uma palavra que confirmasse a condenação da mulher adúltera. Jesus é misericordioso. A sua misericórdia faz com que as pessoas revejam a sua vida, olhem para si mesmas. Encontramos na Última Ceia de Jesus com seus apóstolos, um exemplo de como rever a vida a partir Dele. Quando Jesus anunciou que um apóstolo iria traí-lo, cada um dos que estavam presentes se autoquestionou. “Acaso serei eu, Senhor”? Cada um olhou para dentro de si mesmo.

A misericórdia de Jesus deve estar presente nos seus discípulos. Ele quer discípulos misericordiosos. O discípulo de Jesus não deve se alegrar com o fracasso das pessoas. O seu prazer deve ser o de ver as pessoas se salvando.

Deus oferece à pessoa humana a oportunidade para buscar aquele aperfeiçoamento de vida desejado por Jesus, para todos os seus seguidores. Isso significa não abandonar os caminhos da santidade.

“Ninguém te condenou? Perguntou o Mestre. Ninguém, Senhor, respondeu a mulher. Eu também não te condeno, puedes ir, e de agora em diante não peques mais”.

Jesus, o Filho amado do Pai, deu a liberdade para mulher perdoada continuar construindo sua vida.

Essa nova possibilidade e caminho novo nós ouvimos também na primeira leitura: “Não relembreis coisas passadas, não olheis para fatos antigos. Farei coisas novas e já estão surgindo”. As lembranças amargas de pecado, de infidelidades, de aridez espiritual, de abandono do projeto de Deus devem ser transformadas em uma espécie de adubo para ajudar a planta nova crescer e dar frutos.

Deixe para trás toda lembrança ruim e continue a construção da vida, mesmo sendo uma pessoa frágil e pequena. Na fragilidade se abrem caminhos, eles surgem aos pés de quem ama e não teme a dor. A mulher perdoada tinha ainda um longo caminho a percorrer.

Uma notícia alvissareira veio para o povo no texto sagrado: “Abrirei uma estrada no deserto e farei correr rios na terra seca”. Que notícia alegre para os que viviam sem esperanças! Deus deu e dá alento ao seu povo.

Estamos no mundo como que realizando uma grande romaria rumo a uma profunda e plena comunhão com o Senhor. Como romeiros devemos glorificar o Senhor, enquanto percorremos o caminho da vida.

No caminho encontramos muitas pessoas reconciliadas com a vida e com Deus. A reconciliação se estende à natureza e aos animais. Da terra brota um solene louvor a Deus. O louvor deve brotar da vida nova por causa da missão neste chão.

É bom louvar a Deus experimentando a força da ressurreição. Acreditando nesta força somos chamados a não nos prendermos a nenhuma escravidão, a não cultivar desejo de condenação, a tirar lições do sofrimento e trilhar um caminho de construção da vida solidária zelando pela nossa santificação. “Podes ir e de agora em diante não peques mais”.

É com estes pensamentos suscitados pela Palavra de Deus que agora me encontro no meio de vocês, como bispo desta nossa amada Diocese de Uruaçu.

Sou uma novidade para vocês e vocês são uma novidade para mim. Não tenhamos medo desta novidade, pois ela vem de Deus, é Ele quem fez com que os nossos caminhos se encontrassem. Vamos caminhar juntos olhando para o horizonte, lá onde encontraremos os sonhos de Deus. Vamos orientar juntos os nossos corações para Deus. Procuremos mutuamente nos conhecer, amar e servir. Quero conhecê-los a partir do coração. Eu disse no dia em que fui ordenado e repito aqui que já os amo e os amarei ainda mais.

Tomar posse para mim significa passar a pertencer a esta Igreja Diocesana. Vindo do chão das Gerais, mais precisamente da Diocese de Guaxupé, chego nestas belas terras goianas, chego para viver a vida goiana e mais precisamente para ser servidor do Evangelho nesta nossa querida Diocese de Uruaçu. Não venho falar de Deus, mas a partir de Deus.

Para que nossa comunicação seja frutuosa, tive a ousadia de desejar permanecer sempre em Cristo. Permanecei em Mim é o lema escolhido para a minha missão episcopal. Quero que este lema seja sempre expressão do amor capaz de criar laços de solidariedade e vida no Senhor. Desejo que todos permaneçamos Nele, lançando nossas raízes nas águas do seu Santo Espírito. O Salmo 1 e o capítulo 17 do profeta Jeremias nos mostram que a árvore plantada à beira das águas permanece viçosa, dá abrigo aos pássaros, produz sombra e dá frutos. Desejo que todos nós permaneçamos em Cristo.

Sei que muitas pessoas vão querer ouvir as minhas palavras, mas também vão querer ouvir o meu silêncio, que brota da contemplação do mistério de Deus. No silêncio orante decidiremos peregrinar rumo à comunhão de vida de irmãos em Cristo e Nele permaneceremos. “Permanecei em Mim” (Jo 15,4).

Sei que para tomar posse, antes de qualquer coisa, é preciso acolher a orientação de Deus, pois é Ele quem me enviou. Após ter feito uma longa viagem no deserto, o povo peregrino chegou diante da terra prometida, avistou-a e recebeu de Deus uma orientação. Ele ordenou que entrasse, mas tomasse cuidado para não se esquecer da lei. Era preciso guardar a orientação que vinha Dele para que a vida fosse uma bênção. A lei de Deus para nós hoje é o amor. “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). “Onde reina o amor, Deus aí está”.

Tomar posse, amparado por Deus, significa ter aquela certeza e confiança da presença Dele, que animou Josué quando entrava na terra da promessa. “Assim como estive com Moisés, estarei contigo. Jamais te abandonarei, nem te desampararei”.

Aqui venho, irmãos e irmãs, deixando que a planta de meus pés toque este chão. Na medida em que vou tocando nesta terra vou me comprometendo com vocês. Tocar os pés neste chão goiano significa sair de mim, significa ter uma existência voltada para fora de mim mesmo a fim de me encontrar com os pobres, com os doentes, com os

fracos na fé, com os injustiçados, procurar as ovelhas perdidas e estar aberto ao diálogo com o diferente, sem perder a identidade cristã.

Colocar a planta dos pés neste chão significa, em mim e para mim, estar aberto ao acolhimento de todos. Eu quero ser pai, irmão e amigo de vocês. Vou facilitar o máximo para que possamos nos encontrar sem medo. Faço do meu coração a morada para todos. Quero zelar com carinho daqueles que me foram confiados. Quero ser para vocês as mãos estendidas, os pés diligentes, o peito que afaga; não o pastor que enxuga o pranto, mas o que chora junto; quero ser o Cireneu na vida dos necessitados; o profeta que traz a mensagem de Deus e desejo que, permanecendo em Cristo, brilhe em nossas vidas o esplendor da santidade, à qual pelo batismo somos chamados. Desejo que vençamos o mal com a força de Deus e nossas esperanças não sejam confundidas.

O saudoso papa João Paulo II disse uma palavra bonita sobre a missão episcopal. "Sei, disse ele, que muitos defendem o poder episcopal como precedência: são as ovelhas que devem ir atrás do pastor, e não o pastor atrás das ovelhas. É possível concordar com essa afirmação, mas sabendo que o pastor deve ir à frente no dar a vida pelas ovelhas; pois é ele quem deve ser o primeiro no sacrifício e na dedicação. Resuscitou o bom pastor que deu a vida pelas suas ovelhas" (PP. J. Paulo II). Assumo para mim, diante de vocês esta orientação de João Paulo II.

Entreí no bonde da história desta Igreja Diocesana. História que começou há 50 anos e foi conduzida por dois dignos pastores: Dom Francisco Prada e Dom José Chaves. Embora me sinto muito pobre para esta nobre missão, sei que Deus está comigo e não me abandonará. Sinto-me sereno, pois sei que posso contar com a ajuda dos padres, diáconos, seminaristas, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas e com todos os organismos, que estão a serviço da vida.

Agradeço a presença do senhor Núncio Apostólico, D. Lorenzo Baldisseri, dos senhores arcebispos, bispos, padres, diáconos, seminaristas, religiosos e religiosas, autoridades, e cristãos leigos e leigas.

Agradeço a presença dos amigos e amigas que vieram da Diocese de Guaxupé. Somos duas Dioceses que se abraçam. Agradeço a participação do padre José Augusto, Administrador Diocesano de Guaxupé, dos outros padres e seminaristas da Diocese de Guaxupé (20). Continuaremos sendo irmãos.

Queridos diocesanos de Uruaçu, quero agradecer-lhes a participa-

ção em minha posse. Já me sinto acolhido por vocês. Em breve começarei a visitá-los nas paróquias.

A Dom José Chaves, que com grande zelo apostólico conduziu esta Diocese, a nossa gratidão. O senhor continuará sendo nosso amigo, pai e irmão. Esta Diocese é sua casa e aqui estão os filhos que o senhor gerou na fé. Permanecemos unidos.

A vocês queridos padres, diáconos e seminaristas de Uruaçu. Saibam que vocês têm um lugar muito especial em meu coração. A minha casa será a casa de vocês. Na convivência vamos nos conhecendo e o conhecimento a partir do coração deve gerar em nós uma profunda amizade que nos faça felizes. Como é bom os irmãos viverem juntos numa só fé, cheios de esperanças e amor.

Desejo que a convivência com os religiosos e religiosas faça existir entre nós uma frutuosa colaboração espiritual e pastoral. Somos irmãos nesta bonita família diocesana.

A vocês queridos cristãos leigos e leigas desejo que cada um viva com alegria o seguimento de Jesus. Somos todos responsáveis uns pelos outros. Quero ser para vocês um pai que os ama muito.

Agradeço a acolhida da senhora prefeita Marisa e de todas as autoridades.

Quero ser bispo para todos: crianças, adolescentes, jovens, adultos e anciãos. Como é bom estar no meio de vocês.

Aproveito este momento para comunicar que o Pe. Antônio Teixeira continuará sendo o Vigário Geral da Diocese.

Dom José Chaves terá poderes de Vigário Geral e isso significa que ele terá liberdade para atuar na Diocese. Peço de maneira especial aos padres para que o convidem para celebrar nas paróquias, especialmente nas novenas dos padroeiros.

Aproveito para confirmar todos os padres nos seus respectivos cargos que estavam exercendo antes do Santo Padre divulgar a aceitação da renúncia de Dom José Chaves.

Eu quero neste momento fazer um agradecimento especial à minha família, que veio participar deste momento significativo não só para mim, mas para a Igreja. Obrigado pela presença de vocês. Não estarei longe de vocês. Quem ama, mora perto, mora dentro do coração. Vocês, meus familiares, moram dentro do meu coração e de vez em quando os meios de comunicação e de locomoção nos colocarão próximos fisicamente. Mas vale lembrar que a presença física não terá significado

se não existir a presença afetiva. Saibam que os amo e Cristo será nosso ponto de referência. Nele nos encontraremos através de seu amor e de nossas orações.

Enfim, sou o novo pastor em meio ao meu povo. Bendito seja Deus por esta nossa Diocese de Uruaçu. Permaneçamos unidos em Cristo para que possamos produzir muitos frutos. Permanecei em Mim. Amém!

## **Regional Centro-Oeste da CNBB**

Em nível do Regional Centro-Oeste, além de ser membro ativo do mesmo, fui chamado a oferecer a minha contribuição enquanto bispo referencial da Comissão Pastoral da Terra e atualmente como o bispo referencial da Comunicação. Ainda neste sentido de serviço, no dia nove de julho de 2014 fui eleito Presidente do Regional Centro-Oeste da CNBB e em 2015 fui reeleito para este mesmo cargo até 2019 e conseqüentemente passei a ser membro do Conselho Permanente da CNBB. Este conselho é formado pela presidência da CNBB, pelos Presidentes das comissões pastorais e pelos representantes dos regionais.

## **Publicações**

Neste tempo de episcopado escrevi muitos artigos, os quais foram publicados no jornal diocesano e em outros meios de comunicação. Minhas obras de maior destaque são a minha Carta Pastoral “Sete Cestos Cheios” e o meu livro “Superar a Dor do Luto”, ambos publicados em 2014. A Carta Pastoral é comemorativa dos meus sete anos de episcopado. Ela é composta de sete partes e trata de assuntos pastorais, doutrinários ligados ao número sete, como por exemplo: o significado de sete na Bíblia, sete sacramentos, sete dons do Espírito Santo, sete dores e sete alegrias de Nossa Senhora e os sete pedidos do Pai-Nosso.

O livro “Superar da Dor do Luto” foi publicado pela Editora Paulinas e traz uma reflexão confortadora para as pessoas que estão vivendo a situação do luto. São trinta meditações para serem rezadas, permitindo que a realidade do luto seja iluminada pela fé. Escrevi este livro pensando nas muitas pessoas que procuram uma orientação quando estão em grande sofrimento devido a morte de um ente querido.

## Realizações na Diocese

A minha posse na Diocese aconteceu no dia 25 de março de 2007. Desde aquele momento escolhi estar presente junto ao povo que Deus me confiou. Iniciei a visita às paróquias. Gastei dois meses realizando essas visitas. Era grande a minha alegria em poder encontrar com as pessoas, abençoá-las e dar um abraço fraterno. Sentia-me cada vez mais inserido na realidade diocesana. Decidi dedicar a principal parte do meu tempo à oração, ao estudo pessoal, aos sacerdotes, à pastoral e ao governo diocesano.

Para melhor me auxiliar, constitui os Conselhos Diocesanos de Presbíteros, Pastoral, Econômico e Formadores no Seminário. Constituímos a Pastoral Presbiteral. Com o passar do tempo, após muito ouvir e tomar conhecimento da realidade diocesana, fizemos nossa Assembleia de Pastoral que resultou no nosso Plano de Pastoral, o qual norteou as nossas ações por um período de cinco anos. Essa Assembleia foi preparada através de um ano dedicado à Conversão Pastoral. Muitas reuniões e encontros foram realizados. Em 2015 uma outra Assembleia Diocesana foi convocada e um novo Plano de Pastoral foi aprovado para ser aplicado na Diocese até o ano de 2019.

Criamos a Pastoral Presbiteral. Organizamos o Fundo de Solidariedade para o Clero, o qual auxilia para que todos os padres da Diocese recebam o mesmo valor de cõngrua<sup>1</sup>.

Alegramos, pois neste tempo muitas crianças e adultos receberam o sacramento do Batismo em nossas comunidades paroquiais. Muitos jovens e adultos foram crismados. Os enfermos foram atendidos, as pessoas das comunidades rurais foram alcançadas pelos padres e ministros. Podemos nos alegrar por sermos uma Igreja dinamizada com a graça do Espírito Santo. Contamos com a colaboração e o testemunho dos religiosos, Religiosas, Consagrados e muitas lideranças leigas.

Tive a graça de ordenar 25 padres diocesanos e seis religiosos. O Seminário prosseguiu formando jovens vocacionados ao Ministério Ordenado. A Diocese toda se envolveu na formação dos presbíteros, quer com ajuda econômica, mas principalmente com orações oferecendo o apoio espiritual e se tornando promotora das vocações para a Igreja. De nosso meio surgiram também vocações para a Vida Religiosa e Consagrada.

<sup>1</sup>Salário recebido por sacerdotes e religiosos.

Sentindo a necessidade pastoral na Diocese e percebendo que tínhamos condições de prover algumas comunidades com a presença de padres, foram criadas 8 paróquias em toda Diocese. Algumas iniciaram como quase-paróquias, e posteriormente passaram a ser paróquias e outras comunidades, que já reuniam as condições, foram elevadas diretamente a paróquias.

Algumas edificações foram reformadas para melhor dinamismo pastoral. Fizemos a Cúria Diocesana, reformamos a residência episcopal e a Casa da Gestante, adquirimos uma casa. Instalamos o nosso Centro Vocacional para melhor atendimento e acompanhamento dos jovens vocacionados. Estamos nos preparando para a instalação de nosso Tribunal Eclesiástico. A Comunidade Terapêutica Vida Nova foi reestruturada, conseguimos a doação do terreno onde a mesma está situada e existe projeto para melhorá-la ainda mais. Muitas paróquias tiveram suas igrejas reformadas, e algumas construídas, ou ainda estão em processo de construção. Foi grande o número de capelas que foram edificadas para a maior glória de Cristo.

Recordo-me de duas situações que tocaram muito o meu coração durante as visitas pastorais que realizo nas paróquias. Uma foi em uma cidade. O padre levou-me a visitar uma capela que estava sendo construída. Quando chegamos, veio a surpresa. As paredes estavam sendo erguidas. Não tinha telhado e nem o piso. O padre não sabia, mas as pessoas se organizaram, e quando chegamos a capela estava cheia de gente que cantava alegremente recebendo o Pastor. Imaginei a beleza daquela fé. A igreja de tijolos estava sendo construída, mas ali existia já uma igreja viva. A outra situação aconteceu, também, em uma visita pastoral que realizei ao Santuário do Muquém. O padre reitor levou-me à uma comunidade, no alto da serra. Gastamos um bom tempo subindo à serra e quando chegamos, encontrei uma tenda coberta com folhas de buriti, sem paredes, umas tábuas pregadas em troncos de madeira eram os bancos e ali estavam as pessoas felizes e rezando. É a Igreja que vai se constituindo em meio às dificuldades, mas prossegue porque é obra divina.

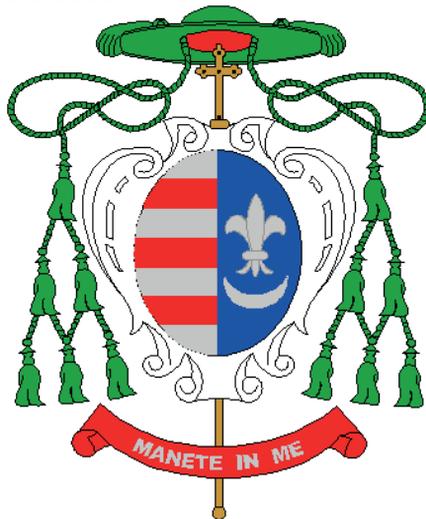
### **Lema episcopal**

Ao ser nomeado bispo iniciei também os preparativos para a ordenação. Dentre esses preparativos estava o da escolha do meu lema

episcopal, o qual foi tirado do Evangelho de João, “Permanecei em mim” (Jo 15,4). Permanecer em Cristo deve ser o esforço de quem é chamado a servi-lo. Não é um lema de proteção, no sentido de encolhimento dentro da vida de Cristo, mas trata-se do desafio de o seguir onde quer que Ele vá, se necessário até à Cruz. Ir com Cristo até o fim, sem buscar recompensas, trabalhando incansavelmente pelo Reino de Deus, esse é meu desejo. Quero assim permanecer sempre Nele. Assim meu lema me leva a ter uma história aberta nas sendas de Cristo. Sei que a minha história não é só isso que partilhei e não tem seu ponto final aqui, mas está em construção. Rezo pedindo a Deus a graça de estar sempre disponível para que Ele me deixe, ou me leve onde for necessário.

## **Brasão Episcopal**

Normalmente todo Bispo tem o seu Brasão Episcopal. Nele está presente o seu lema bem como o significado de sua vida e missão. Quando fui nomeado Bispo, eu não tinha conhecimento de como fazer o Brasão e o que colocar nele. Um colega padre indicou-me um médico e historiador, Dr. Marcos Chaves, no Estado de São Paulo, que se dedicava a isso. Fui atrás e, então, depois de várias análises chegamos a conclusão do meu brasão.



## Descrição:

Escudo eclesiástico partido. O primeiro de argente com três faixas de goles – Armas dos Silveiras. O segundo de blau com uma flor-de-lis de argente sobre um crescente do mesmo. O escudo está assente em tarja branca. O conjunto pousado sobre uma cruz trevolada de ouro. O todo encimado pelo chapéu eclesiástico verde, forrado de vermelho, com seus cordões em cada flanco, terminados por seis borlas cada um, tudo de verde. Brocante sob a ponta da cruz um listel de goles com a legenda: **MANETE IN ME**, em letras de argente.

## Interpretação:

No primeiro, estão representadas as armas familiares paternas de Dom Messias, os Silveiras. Os esmaltes e metais obedecem às regras heráldicas. O campo de argente (prata) simboliza a inocência, a castidade, a pureza e a eloquência, virtudes essenciais num sacerdote. As faixas de goles (vermelho) simbolizam o fogo da caridade inflamada no coração do Bispo, pelo Divino Espírito Santo, bem como valor e socorro aos necessitados. O segundo campo, de blau (azul), representa o manto de Maria Santíssima sob cuja proteção o Bispo pôs toda a sua vida sacerdotal, sendo que este esmalte significa: justiça, serenidade, fortaleza, boa fama e nobreza; e a flor-de-lis sobre o crescente representam Nossa Senhora da Conceição, sendo que, por seu metal argente (prata), tem o significado acima descrito. A cruz e o chapéu representam a dignidade episcopal. O ouro da cruz simboliza: nobreza, autoridade, premência, generosidade, ardor e descortínio. O listel tira seu lema da frase do Evangelho de São João (Jo. 15, 4): **“Permaneçei em Mim”**, sendo uma afirmação da confiança do Bispo de que quem permanece unido a Cristo dará muito fruto.

## Recordar e projetar

Sempre que o povo de Deus passava por alguma dificuldade, o profeta, homem de Deus fazia memória das ações divinas. “Lembra do Deus de Abrão, Isaac e Jacó...” do que Deus fez no passado. Essa recordação criava ânimo no povo. Ao relatar um pouco da história de Deus em minha vida, sinto-me entusiasmado a prosseguir. Uma certa vez

contei, em uma comunidade, minha origem simples. Conteí quando dormia em cama de jirau, colchão de palha e muitas vezes desviando das goteiras. A casa não tinha piso e nem era cimentada. As paredes eram de pau a pique. Depois da celebração um homem simples do campo, chamou-me de lado e com sua sabedoria campesina me disse: "Não se esqueça daquela caminha e daquele seu lar, pois ela e ele te ajudaram a chegar até aqui". Ele me pedia para não me esquecer da minha origem. Ao começar essa Carta Pastoral fazendo memória das ações de Deus em minha vida, sinto o quanto Ele espera de mim e permanece comigo para que eu seja sinal dele no meio das pessoas.

## CAPÍTULO II



### Chamados à comunhão a partir da criação

A Teologia Bíblica não vê o Gênesis como um livro de história, mas como uma revelação da vontade de Deus na história. Depois que a humanidade já estava adiantada em vida, com seus encontros e desencontros, percebeu-se a unidade perdida. O Paraíso, a comunhão continuou sendo uma esperança. Toda História da Salvação vai mostrando o quanto Deus se preocupa com a comunhão. O melhor jeito de chegar a essa unidade é vencer o pecado. Para isso, o sonho salvador de Deus se concretizou na encarnação, nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus.

Na cena do presépio já está sinalizada a paixão de Jesus. A manjedoura é feita de madeira, como também o é a cruz. O menino está envolto em faixas, assim o corpo de Cristo foi envolto em faixas para ser colocado no sepulcro. Assim como os anjos cantam glórias a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados, o Ressuscitado se manifesta transmitindo o dom da paz. A gruta é o belo jardim onde germina a semente da esperança para a humanidade. Do túmulo sai o Cristo vitorioso, vencedor da morte. Ele chama a todos a permanecer nele para produzir frutos (cf. Jo 15,4). Todos os frutos de nossas ações devem nascer a partir da nossa comunhão em Cristo. O começo de tudo está no ato do Pai que cria.

Deus cria e chama para a comunhão, apesar das tentativas do homem em afastar-se do projeto divino. *“No princípio, Deus criou o Céu e a terra. Ora a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas”* (Gn 1,1). A narrativa bíblica continua mostrando que Deus foi agindo, criando e organizando os elementos. Um jardim de vida surgiu. No meio deste jardim estava a obra principal de suas mãos: o homem e a mulher. Onde existe harmonia das pessoas entre si e com Deus, aí se faz a experiência de paraíso. A criação começada por Deus é chamada à comunhão.

A comunhão não é uma imposição de Deus, mas um chamado, uma orientação, um caminho indicado. Quantos desencontros na vida humana quando não se vive a partir do projeto de Deus, como foram

tentados os nossos primeiros pais. Quando isso acontece a humanidade tende a se desfazer, tornando-se Caim que mata seu irmão Abel, volta-se à estaca zero passando pela experiência do dilúvio, vive-se a confusão de Babel, destrói-se na sua Sodoma atualizada, irmãos são vendidos a mercadores como fizeram os irmãos de José.

No meio da história, Deus continua agindo. Ele não desiste de seu projeto de harmonia e chama para a comunhão. Ele procura o Adão vergonhoso e fugitivo: *"Onde estás?"* (Gn 3,9). Recria a humanidade a partir de Noé, faz aparecer grandes patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó que são verdadeiros pais da humanidade. São eles troncos seguros geradores de vida e trazem em si as promessas de Deus na história. Deus envia suas exortações através dos Profetas. Faz surgir juízes e reis que, mesmo vacilantes e tendo as marcas do pecado em suas vidas, ajudam a história a prosseguir. Finalmente chegou a grande alegria para a humanidade. Nasceu o Salvador. Jesus formou os doze para que eles pudessem prosseguir o caminho de santificação e comunhão dos filhos de Deus.

A oração sacerdotal (Jo 17), é uma prece que nasce no mais profundo do coração de Cristo. Ele sabe que a hora chegou. É a hora de Deus. O Filho vai ser glorificado. Ele reza pelos que vão continuar sua obra e por todos os que por meio deles vão viver a unidade santificante. *"Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste"* (Jo 17, 20-21).

Jesus, morreu prometendo o paraíso ao bom ladrão. O paraíso é promessa para quem rompe com o desencontro, com o pecado e quer viver a unidade a partir de Jesus.

O Espírito Santo foi enviado. A Igreja começou. Sabemos que já existiram muitas tentativas de rompimento da unidade, mas a Igreja é obra divina e quem permanece com ela vive a comunhão. Os discípulos de Jesus precisam viver unidos para que a fé possa aumentar. Todo rompimento da comunhão prejudica a fé.

Como o Pai na criação chamou a humanidade à comunhão, assim também cada vez que somos recriados em Cristo através das graças sacramentais, da evangelização, das ações eclesiais e de nosso esforço pessoal e comunitário contribuimos para que a comunhão aconteça.

## CAPÍTULO III



### A videira e os ramos

A imagem da videira apresentada por Jesus (Jo 15, 1-17) nos convida a termos a vida inserida no seu mistério. Gosto muito deste texto bíblico e foi nele que encontrei o meu lema episcopal, que também dá título a esta Carta Pastoral. “Permanecei em mim” (Jo 15,4). A Videira é Jesus, o Pai é o agricultor e os ramos são todos os filhos de Deus. Os frutos aparecem nos ramos que estão em Cristo. Há uma interligação profunda entre os elementos que compõem a videira. Ela existe porque o Pai a plantou. Ela depende do Pai agricultor. Os ramos têm em si as qualidades do conjunto da videira. A vida divina está presente em nós na medida em que permanecemos unidos ao tronco que é Cristo.

O tempo vai passando, os ramos envelhecem e se não forem podados não produzem frutos. A Palavra de Deus vai nos purificando na medida em que abrimos nosso coração à sua novidade e deixamos que a luz de Deus entre em nossa vida. O discípulo encontra vida em Jesus.

“Permanecei em mim, como eu em vós” (Jo 15,4). Permanecer em Jesus é condição necessária para que se possa ter vida missionária, ter a alegria dele em nós, ser diariamente curados e purificados dos males do mundo, ter a oração ouvida e produzir frutos. Quem permanece em Jesus tem a garantia que os frutos vão aparecer.

Depois de apresentar a imagem da videira, Jesus fala diretamente ao coração dos discípulos e os convida ao amor. Jesus é amado pelo Pai. Ele ama os discípulos com o mesmo amor e os discípulos devem se amar com o amor de Deus presente neles. A melhor forma de expressar o amor e nele permanecer é observar os mandamentos e dar a vida.

Deus, quando entregou os mandamentos para o povo peregrino (Ex 20, 1-21), recordou primeiramente que havia feito o povo sair da escravidão. Deus ofereceu palavras profundas para que fossem guardadas no coração e observadas para que as pessoas não voltassem para a escravidão.

O discípulo é escolhido por Jesus, amado e deve amar do jeito que Jesus amou. Onde existe amor aí existe comunhão de vida.

Essa imagem da videira representa o que devemos ser como Igreja Diocesana. Não somos ramos soltos. Os frutos que produzimos não

vem de nós, mas através de nós eles devem ter o sabor de Deus. Nossa Igreja precisa de podas para que possa produzir mais frutos. Precisamos encontrar a alegria de Cristo em nossas comunidades, nos agentes de pastorais e movimentos, nas nossas celebrações, nos encontros, nas reuniões, nas famílias, no trabalho, no presbitério, enfim em todas as nossas realidades. Se faltar essa alegria de Cristo podemos ter certeza que não estamos unidos ao tronco.

Não podemos ser como um veículo que, para seguir em frente, precisa abastecer-se de vez em quando. Mas devemos ser como a árvore plantada à beira do rio salutar. Suas raízes recebem a umidade, ela cresce, produz ramos e frutos. As folhas servem de remédio e os frutos são alimentos (Ez 47,1-12). Permanecer em Cristo é viver assim inserido em seu mistério, esforçando-se para superar os limites humanos.

Tenhamos comunhão de vida, missão e espiritualidade a partir de Jesus. Não falemos Dele, mas a partir Dele. Assim como na videira existem ramos mais fortes e outros frágeis e até imaturos, assim também acontece na comunidade, mas se permanecem unidos ao tronco, recebendo vida, o crescimento se torna contínuo.

## CAPÍTULO IV



### Os Apóstolos de Jesus e seus sucessores

Todos nós sabemos a origem dos Apóstolos. Eles foram chamados por Cristo para serem formados e enviados ao mundo. “O Senhor Jesus, depois de ter orado ao Pai, chamou a si os que ele quis e escolheu os doze para estarem com ele e para os enviar a pregar o reino de Deus cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-42). A estes os constituiu apóstolos (cf. Lc 6,13) sob a forma de colégio, isto é, de grupo estável, cuja presidência entregou a Pedro, escolhido dentre eles (cf. Jo 21,15-17)” (LG 19).

Depois da morte e ressurreição de Jesus, os Apóstolos, animados pelo Espírito Santo, continuaram a missão que do Mestre tinham recebido. Sabemos que ninguém é eterno. A vida neste mundo não dura muito tempo. Existe uma roda viva. No bonde da vida uns sobem e outros descem. Na subida para a eternidade uns nascem e outros morrem. Os Apóstolos de Jesus escolhiam homens prudentes, repletos de amor, portadores de boas qualidades humanas, espirituais e rezavam sobre eles, e impondo-lhes as mãos transmitiam o Espírito Santo. A sucessão apostólica acontecia.

“A missão divina, confiada por Cristo aos apóstolos deverá durar até o fim dos séculos (cf. Mt 28,20). Os apóstolos, nesta sociedade hierarquicamente organizada, cuidaram de constituir os seus sucessores” (LG 20)<sup>2</sup>. O sucessor é aquele que prossegue a missão recebida de um outro. No caso dos Apóstolos, a missão veio de Jesus, passou por eles e continua nos seus sucessores que são os bispos. A Igreja é muito séria na escolha de um Bispo. Faz-se uma profunda pesquisa para se chegar ao candidato ideal. Esse estudo é feito por meio da Nunciatura Apostólica. Dentre os vários nomes indicados, faz-se uma lista tríplice dos mais aprovados, e a envia à Congregação dos Bispos, no Vaticano, para ser aprovada e apresentada ao Papa para que, dos três nomes, um seja nomeado Bispo. Ninguém se torna Bispo porque quer. Depois de nomeado precisa ser ordenado, mas antes é preciso fazer a profissão de fé e o juramento de fidelidade. Para a ordenação episcopal é necessária a presença de três bispos legitimamente ordenados e que estejam em comunhão com o Papa. A Bula de nomeação vem do Papa e a documentação de ordenação é enviada para a Nunciatura Apostólica que faz os devidos encaminhamentos.

<sup>2</sup> Lumem Gentium. É um documento do Concílio Vaticano II e significa “Luz dos Povos”.

## Origem e sucessão apostólica

Todo bispo legítimo procede da comunhão apostólica. Procede dos Apóstolos. Um Bispo foi ordenado por um outro, e aquele por um outro e assim voltando-se na história se pode chegar aos apóstolos. A sucessão não se rompe. A Igreja cuida para que não haja esse rompimento. Se um bispo rompe a comunhão com o Papa ele é afastado de suas funções, ou deve pedir sua renúncia. Caso um bispo cismático venha realizar uma ordenação, essa não é reconhecida pela Igreja, pois falta a comunhão.

*“Tal como, por disposição do Senhor, são Pedro e os demais apóstolos formam um só colégio apostólico, de maneira semelhante o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os bispos, sucessores dos apóstolos, estão unidos entre si” (LG 22).*

*“A união colegial manifesta-se também nas relações mútuas de cada bispo com as Igrejas particulares e Igreja universal. O Romano Pontífice como sucessor de Pedro, é o princípio e o fundamento perpétuo e visível da unidade, quer dos bispos, quer da multidão dos fiéis. Por sua vez, cada bispo é o princípio e o fundamento visível da unidade na sua Igreja particular, formada à imagem da Igreja universal: nas quais e a partir das quais resulta a Igreja católica única. Por isso cada bispo representa a sua Igreja, e todos, juntamente com o Papa, representam toda a igreja no vínculo da paz, do amor e da unidade” (LG 23).*

Um bispo certa vez para falar da unidade da Igreja particular, diocese, usou a seguinte imagem: “Existe a árvore a qual tem um tronco, galhos e ramos. Na Igreja particular o bispo representa o tronco. Os galhos representam o clero e os ramos todos os consagrados pelo Batismo e todas as pessoas que fazem consagrações especiais”. Um tronco sem os galhos e ramos fica sem vida. Os galhos se não estão ligados ao tronco não têm vida. Assim também é na Igreja. Não se pode existir um bispo sem comunhão e nem ministros e fiéis fora da comunhão.

## A catedral

O bispo exerce o seu ministério em toda diocese, mas tem como ponto focal a igreja catedral, que constitui de certo modo a igreja mãe e o centro de convergência da Igreja particular.

“Com efeito, a catedral é o lugar onde o bispo tem a sua cátedra,

a partir da qual educa e faz crescer o seu povo através da pregação, e preside as principais celebrações do ano litúrgico e dos sacramentos. Precisamente quando está sentado na sua cátedra, um bispo apresenta-se à frente da assembleia dos fiéis como aquele que preside in *loco Dei Patris*; por isso mesmo, só o bispo é que pode sentar-se na cátedra episcopal. É a presença desta cátedra que constitui a igreja catedral como o centro espiritual concreto de unidade e comunhão para o presbitério diocesano e para todo o Povo santo de Deus. É na catedral, onde se realiza o momento mais alto da vida da Igreja, que tem lugar também a ação mais excelsa e sagrada do *múnus sanctificandi* do bispo; tal múnus, bem como a própria liturgia a que ele preside, inclui simultaneamente a santificação das pessoas, o culto e a glória de Deus” (PG 34).

É missão do bispo santificar, governar e ensinar. Através do anúncio da Palavra de Deus exorta as pessoas a manterem-se fiéis a Cristo. Exorta a não se desviarem Daquele que o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6). Pela celebração dos sacramentos conduz o Povo de Deus à santificação. Através do pastoreio governa a Igreja, tomando por modelo Cristo o Bom Pastor que deu a vida por suas ovelhas.

“A comunhão orgânica eclesial chama em causa a responsabilidade pessoal do bispo, mas supõe também a participação de todas as categorias de fiéis. O que garante a autenticidade da referida comunhão orgânica é a ação do Espírito que age quer na responsabilidade pessoal do bispo, quer na participação que nela tomam os fiéis” (PG 44). A Igreja é essencialmente uma comunhão. Não é uma democracia, mas comunhão. Assim é importante que o bispo suscite organismos de comunhão na Diocese como assembleias, conselhos, reuniões e os mesmos estejam presentes nas foranias, paróquias e comunidades.

A comunhão dos bispos com o Papa se expressa de maneira especial no acolhimento dos Concílios, Sínodos, Documentos do magistério e nas visitas *ad limina Apostolorum*, na qual a cada cinco anos, ou num outro tempo determinado os bispos visitam o Papa para apresentarem suas dioceses e receberem as exortações para a vida e ministério.

A comunhão entre os bispos se dá nas Províncias Eclesiásticas formadas por uma Arquidiocese e pelas Dioceses sufragâneas. A nossa Província é formada pela Arquidiocese de Brasília e pelas Dioceses de Luziânia, Formosa e Uruaçu. Essa comunhão dos bispos entre si se manifesta ainda através das Conferências Episcopais.

## **Insígnias**

Muitas pessoas têm curiosidade sobre alguns sinais usados pelos bispos, chamados de insígnias. Elas simbolizam o poder, a jurisdição, a prudência, o amor e a fidelidade do bispo à Igreja e àqueles que lhe foram confiados.

### **1. Báculo pastoral**

É uma espécie de cajado do pastor. Quando o bispo renuncia ao governo pastoral por idade, doença, ou é removido de seu ofício não usa mais o báculo, pois o mesmo tem sentido no exercício do pastoreio na diocese. Com o cajado o pastor conduz as ovelhas, protege-as, procura-as quando se afastam ou se perdem.

### **2. Anel**

É o sinal da fidelidade do bispo no cuidado da Igreja que é esposa de Cristo. Cuidar da Igreja é missão do bispo.

### **3. Mitra**

É uma das insígnias que com muita nobreza ornamenta a figura do bispo, nas celebrações litúrgicas. Há várias explicações para a sua origem, inclusive já foi usada por pessoas que nem sempre tinham a fé cristã. Foi usada por príncipes e reis. Mas o seu sentido litúrgico é muito bonito. Conta-se que os bispos passaram a usá-la para identificar onde ele estava no meio do clero e da multidão.

A Mitra unida pela base se divide na parte superior em duas partes, em formato de pentágono apontando para o alto, simbolizando ou o Antigo e o Novo Testamento, ou os resplendores que Deus pôs no rosto de Moisés, quando ele desceu do Sinai trazendo as tábuas da lei, ou recorda "que é da fé que provém a autoridade e a dignidade do bispo. Essas duas partes em geral têm no seu interior a cor vermelha, simbolizando o Espírito Santo que assiste e aconselha o bispo. Na parte inferior, ficam suspensas duas tiras munidas de franjas, ínfulas. Essas, segundo a tradição litúrgica, têm o significado atrelado ao da estola. Enquanto a última significa o poder sacerdotal, as primeiras simboli-

zam a plenitude do sacerdócio”.<sup>3</sup> Na ordenação o bispo a recebe como coroa de santidade. Ele deve se esforçar por se santificar e levar as pessoas a santidade de vida.

#### **4. Pálio**

É usado somente pelos Arcebispos, Patriarcas e pelo Papa. É feito de lã de ovelhas oferecida ao Papa no dia de Santa Inês, 21 de janeiro. A cerimônia de entrega do Pálio se dá no dia 29 de junho, na basílica de São Pedro.

#### **5. Outros sinais**

A cruz peitoral identifica o bispo com o mistério de Jesus que deu a vida pelas ovelhas. Assim o bispo não pode fugir da cruz. Assim como ele a carrega no peito deve se lembrar que ele vai atrás dela, mas quem deve aparecer é Jesus.

O solidéu é uma indumentária pequena que cobre a cabeça do bispo e significa só a Deus, ou seja, retira-se diante de Deus. Só a Deus devem estar voltados os pensamentos, projetos e ações do bispo em favor das pessoas. Deus cuida de seus filhos através dos bispos.

A assinatura dos bispos é precedida de uma cruz. Muitas pessoas perguntam por quê. A origem não é tão piedosa. Conta-se que no início nem todos os bispos sabiam escrever. Para assinar desenhavam uma cruz. Com o tempo adquiriu um outro significado. É um distintivo da assinatura dos bispos, daqueles que estão identificados com Cristo e se dispõe a segui-lo até a cruz se necessário for. É tarefa do bispo zelar pelo seu nome para que esse represente sinal de santidade.

Assim a vida daqueles doze que foram chamados por Jesus continua na vida e missão de cada bispo que são sucessores deles, apesar das muitas limitações que os cercam. Guiados pelo Espírito Santo cumpram a missão que a Igreja lhes confiou.

<sup>3</sup> Site: [salvemaliturgia.com](http://salvemaliturgia.com)

## CAPÍTULO V



### Organismos de Comunhão

A Igreja não é uma democracia, mas uma comunhão. Existem organismos que expressam essa comunhão dos fiéis com Cristo, dos pastores com o povo e do povo com os pastores tendo o Papa como sinal de unidade de toda comunidade eclesial. Trata-se de uma comunhão amorosa, em Cristo. Existem vários organismos de comunhão, os quais apresento a seguir.

#### Concílios

O Concílio é uma reunião dos bispos com o Papa para deliberar sobre questões próprias da vida eclesial, especialmente no que se refere à doutrina e pastoral. Ele é sempre convocado pelo Papa. A Igreja reconhece 21 Concílios em toda sua história, acrescentando o chamado Concílio de Jerusalém (At 15,1-40). O último Concílio acontecido foi o Vaticano II, concluído em 1965.

#### Sínodos

“A palavra Sínodo significa “caminho feito juntos” ou “caminhar juntos” e expressa a própria realidade da vida eclesial: um povo chamado à comunhão com Deus e com os irmãos; a caminhar unido na peregrinação deste mundo, e não de maneira isolada; a abraçar juntos a missão da Igreja, cada um fazendo a sua parte; a se ajudar reciprocamente, constituindo, já neste mundo, a família de Deus chamada à vida plena na casa do Pai.

Além do Sínodo dos Bispos previsto nos cânones 342 a 348, o Código de Direito canônico prevê um Sínodo Diocesano nos cânones 460 a 468. Embora seja uma instituição permanente e oficial na Igreja, a maioria das Dioceses preferiram, até então, ao invés do Sínodo (regulamentado pelo código com passos exigentes), realizar Assembleia Diocesana (inspiradas no Sínodo Diocesano, mas que proporcionam maior liberdade por não estar regulamentada no código).

O Sínodo dos Bispos foi instituído pelo Papa Paulo VI com o *Motu próprio "Apostolica sollicitudo"*, de 15 de setembro de 1965. Ao celebrar o 50º aniversário da instituição do Sínodo pelo Papa Paulo VI, o Papa Francisco falou de "uma saudável descentralização na Igreja".

Após a realização do Sínodo publica-se um documento, o qual se torna orientação oficial da Igreja. No caso do Sínodo dos Bispos, o Papa, a partir das conclusões, publica a Exortação Apostólica pós-sinodal. Nas dioceses também se publica o resultado do Sínodo Diocesano para orientar aquela Igreja Particular. "O discurso proferido pelo Santo Padre para o quinquagésimo aniversário do Sínodo dos Bispos é um dos textos programáticos e teologicamente mais desafiadores para a Igreja, especialmente quando Francisco afirma: "Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, com a consciência de que escutar é mais que prestar ouvidos. É uma escuta recíproca, em que cada um tem algo a aprender. Povo fiel, colégio dos bispos, bispo de Roma: um à escuta dos outros e todos à escuta do Espírito Santo".

O Papa deseja que a Igreja inteira seja marcada pela "sinodalidade" e pela busca de uma vigorosa comunhão afetiva e efetiva, pelo envolvimento de todos os batizados na vida e na missão da Igreja. O nível básico dessa expressão sinodal da Igreja, diz o Papa, são as dioceses, com seus conselhos e outros organismos de comunhão e participação: "na Igreja sinodal, todos são chamados a ocupar o seu lugar" (Pe. Antonio Eduardo de Oliveira Me. Direito Canônico, in Site Arquidiocese de Botucatu-SP).

## **Conferências Episcopais**

As Conferências Episcopais são um importante organismo de Comunhão do Episcopado. Através delas se expressa a comunhão das Igrejas particulares. Elas elaboram documentos para a realidade próprias nas quais estão situadas. Existem as Conferências Continentais como foi a última acontecida no Brasil, em Aparecida, no ano de 2007, resultando no importante Documento de Aparecida.

A CNBB, Conferência dos Bispos do Brasil, realiza anualmente uma Assembleia reunindo todos os bispos, assessores e representantes dos organismos eclesiais. Os bispos nesta Assembleia tomam as decisões que cada bispo as leva como luz para a ação pastoral em sua Diocese. A CNBB não faz ingerência nas dioceses. Existem as Conferências nos

Regionais. Neste caso pertencemos ao Regional Centro-Oeste que é formado pelo Estado de Goiás e Distrito Federal.

## **Províncias Eclesiásticas**

Um Província é formada por uma Arquidiocese e por Dioceses sufragâneas. O bispo da Arquidiocese é chamado de Arcebispo e reconhecido como o Metropolita e torna-se elo de comunhão na Província. Com o fortalecimento dos Regionais da CNBB, em geral as questões pastorais têm sido conversadas mais em nível de Regional. A Diocese de Uruaçu juntamente com as Dioceses de Luziânia e Formosa pertencem à Província de Brasília.

## **Assembleia e avaliação pastoral**

A Assembleia Diocesana de Pastoral tem sido nosso ponto alto de sinodalidade. Ela é preparada com antecedência. Para a elaboração do Plano de Pastoral os diocesanos são consultados com antecedência e o texto provisório é levado em Assembleia para acréscimos, supressão e aprovação. Na Assembleia tomam-se as decisões sobre o que se deve ser aplicado na Diocese. A Assembleia Diocesana acontece para a aprovação do Plano de Pastoral, em sintonia com as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, em geral, a cada cinco anos.

As assembleias nas foranias e paróquias são realizadas todos os anos.

Outro momento forte de comunhão diocesana são as avaliações que acontecem a cada ano. Trata-se de um momento para avaliar e fazer acertos necessários na caminhada pastoral. Toda Diocese se faz presente através de seu bispo, presbíteros, diáconos, religiosos, consagrados, seminaristas e cristãos leigos.

## **Conselhos**

Nas dioceses e nas paróquias existem vários conselhos que ajudam no pastoreio do povo de Deus. Os nossos principais Conselhos Diocesanos são cinco.

**a. Colégio de Consultores.** Formado por padres nomeados pelo Bispo a partir do Conselho de Presbíteros com mandato de cinco anos. Esse Colégio de Consultores se mantém na vacância da Diocese e elege um padre para ser o Administrador Diocesano, caso a Santa Sé não nomeie um Administrador Apostólico. O Administrador Diocesano é um padre e o Administrador Apostólico é um Bispo.

**b. Conselho de Presbíteros.** É formado por padres eleitos pelo clero e outros nomeados pelo bispo. Esse conselho tem a principal função de ajudar o bispo nas tomadas de decisões, oferecendo luz para que a melhor decisão seja tomada. O tempo de mandato é de cinco anos.

**c. Conselho de Pastoral.** É formado por sacerdotes, religiosos e cristãos leigos. Neste conselho se conversa sobre as questões pastorais, tomam-se as decisões e se faz encaminhamentos.

**d. Conselho Econômico Administrativo.** Através deste Conselho o bispo administra a Diocese. Dele participa o ecônomo diocesano e outros padres. É permitido que leigos façam parte da composição deste Conselho.

**e. Conselho de Formadores.** É formado pelo Bispo e pelos padres que cuidam da formação presbiteral. A finalidade deste Conselho é acompanhar toda a vida formativa dos seminaristas.

## **Conselhos Diaconal e de Leigos**

Na Diocese ainda não existem os Conselhos Diaconal e de Leigos. Esses são igualmente organismos de comunhão. Temos a Escola Diaconal que está preparando os candidatos ao diaconato permanente. Provavelmente quando forem ordenados, o Conselho Diaconal será formado.

O Conselho de Leigos poderá ser formado na Diocese. O Documento 105 da CNBB, sobre os Cristãos Leigos, incentiva a formação deste conselho.

## **Conselhos Paroquiais**

Nas paróquias especialmente dois conselhos não podem faltar: O de Pastoral e o Econômico Administrativo. Eles auxiliam ao padre e se tornam expressão de comunhão na comunidade.

Através do CPP a paróquia participa nas decisões. Em geral ele é formado pelo pároco, vigário paroquial se houver, e pelas lideranças. Embora o pároco possa tomar a decisão que melhor convier, deve ouvir o Conselho para se chegar a um consenso. Não se pode mais pensar uma igreja clerical sem a participação dos fiéis leigos. Eles conhecem as necessidades fundamentais da comunidade e o Espírito Santo fala através deles.

O Conselho Econômico Administrativo ajuda o padre no cuidado das finanças, reformas, construções, administração dos bens da paróquia. Deve ser sempre informado e ouvido nas questões principais relacionadas a esses assuntos.

Existem ainda outras formas de comunhão na Igreja. As reuniões pastorais, encontros, liturgias são sempre momentos fortes de comunhão. No início da celebração eucarística se bendiz ao Pai pela comunhão em Cristo: "Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo".

A comunhão experimentada na Igreja deve se estender nos relacionamentos dos grupos, das famílias e contagiar a sociedade com a alegria de irmãos que vivem juntos, na mesma fé e no mesmo amor (Sl 133). Nossa Igreja Particular pode continuar seu processo de crescimento na comunhão dos membros entre si e com Cristo, permanecendo Nele.

## CAPÍTULO VI



### Indicações práticas

A Santíssima Trindade é o grande modelo de comunhão para todos nós. Existe harmonia entre as três pessoas. Deus se revelou como Pai, Filho e Espírito Santo. Não existe na Palavra de Deus nenhuma expressão que assegure o descontentamento de uma pessoa com a outra. A Santíssima Trindade é o maior de todos os exemplos de comunhão. Nela se espelharam todas as pessoas e comunidades que com suas vidas testemunharam a comunhão.

Outro modelo de comunhão encontramos em Jesus com os doze. Cada um tinha a sua particularidade, mas Jesus os trabalhava para que buscassem sempre a comunhão. Até o final de sua vida, Ele não deixou de exortar para que os discípulos permanecessem unidos.

Outro modelo bíblico de comunhão é o Pentecostes narrado nos Atos dos Apóstolos. Eles com algumas mulheres, dentre elas Maria, permaneciam unidos na oração (At 1,12-14; 2,1-12).

Nos Atos dos Apóstolos encontramos o testemunho a respeito de como se vivia a comunhão na primeira comunidade cristã. *“Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão, e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos”* (At 2,42-47).

Existem ainda muitos textos bíblicos e testemunhos de santos que nos iluminam para uma vivência de comunhão. A comunhão deve ser sempre a nossa meta. As indicações pastorais apresentadas abaixo nos auxiliam na vivência da comunhão com Cristo, com os irmãos e irmãs.

## **A Santíssima Trindade e os santos**

**1.** Mesmo sabendo da nossa fragilidade humana que através do pecado tende a nos desviar da opção fundamental e tenta nos conduzir para outros rumos, jamais podemos romper a comunhão com Deus. Ele é nosso Pai amoroso. Ele não se cansa de perdoar, como nos disse o Papa Francisco. Desejemos sempre aquela comunhão dos discípulos com Jesus muitas vezes testemunhada no Evangelho. O Espírito Santo nos santificando diariamente, tornando o nosso coração puro, nos ajuda a vivermos com a alegria a comunhão.

Esse esforço vai nos colocando cada dia mais dentro do coração da Santíssima Trindade que é comunhão perfeita. Para se chegar à comunhão perfeita é preciso nunca desistir de reatá-la quantas vezes for necessário. O rompimento com a comunhão não pode ser um projeto humano, mas representa um acidente de percurso. Ninguém está livre de acidentes neste mundo, embora nunca tenha como projeto ser acidentado. Deus socorre os caídos nas misérias e os chama a entrar na casa, como fez com o Filho Pródigo (cf. Lc 15,11-32). A comunhão com a Santíssima Trindade causa alegria em nós.

**2.** Na Profissão de fé rezamos que cremos na comunhão dos santos. Nossa Senhora é mãe da unidade. Ela nos chama para a comunhão. Os santos vivem a perfeita comunhão entre si e com Deus. Nós peregrinos neste mundo temos nesta comunhão dos santos um modelo, para que já tenhamos um pouco de nós na eternidade, ao menos em esperança. Os santos viveram aqui e não perderam a meta. Eles nos abençoam para que sejamos fiéis até o fim. Procuremos diariamente rezar aos santos. Eles são nossos intercessores junto à Deus. O testemunho deixado por eles, nos edificam. É bom que saibamos ao menos um pouco da história de algum santo. A catequese não deixe de transmitir essas histórias aos catequizandos.

## **Igreja**

**3. O Papa** é o sucessor de Pedro. Ele é o grande sinal de unidade da Igreja. Todo católico precisa estar em comunhão com o Papa acolhendo seus ensinamentos e seus documentos. É preciso rezar pelo Papa. Ele nos pede sempre que rezemos por ele. Não é possível ser católico não aceitando o Papa e seu magistério. Existem muitos católicos que não aceitam determinados ensinamentos do Papa. Quando essas

coisas começam a acontecer a comunhão vai sendo rompida. Desejo que na nossa Diocese de Uruaçu todas as pessoas amem, respeitem e acolham o Papa com seus ensinamentos para a vida cristã.

**4. O Bispo** representa toda Diocese. Ele é sinal da unidade diocesana. No exercício de sua missão deve considerar a necessidade de gerar comunhão. Curar as feridas onde a comunhão foi rompida. Para isso se faz necessário, a exemplo de Cristo o Bom Pastor, ir atrás das ovelhas perdidas e reintegrá-las no rebanho. Vale lembrar que todos são chamados a buscar a comunhão com o seu bispo. Diariamente se reza na Sagrada Liturgia pelo Bispo. Não pode haver comunhão fechada, ou seja, apenas dos padres entre si, ou dos leigos entre si. Precisamos uns dos outros e devemos caminhar integrados no corpo místico de Cristo. É preciso evitar todo tipo de atitude, palavras maldosas que tendem macular a comunhão. Também não faz sentido ter atitudes pastorais que distorcem o que foi definido pelo bispo em assembleia com seus diocesanos.

**5.** Somos a Igreja que é una, santa, católica e apostólica. Temos uma origem a partir de Jesus com seus apóstolos. Embora cada diocese seja uma Igreja Particular, não podemos nos esquecer que somos uma Igreja enviada por Cristo, a todos os cantos da terra e, essa comunidade amada por Jesus tem uma longa história e um patrimônio doutrinal imenso e profundo. As coisas da Igreja não são definidas a partir da cabeça de uma pessoa, mas por inspiração do Espírito Santo. Por isso a doutrina e seu magistério devem ser acolhidos por todos nós como referencial de comunhão. Caminhar com a Igreja sempre, fora dela nunca. Existe um grupo crescente de católicos que não aceitam o Concílio Vaticano II. Desejo que em nossa diocese todas as pessoas caminhem em comunhão com a Igreja, conduzida pelo seu pastor, que é o bispo. Jamais exista entre nós pessoas que não acolhem os documentos do magistério da Igreja, que não aceitam o bispo e o Papa.

**6. A Província Eclesiástica** é sinal de unidade e comunhão. Será muito bom que os diocesanos tenham um pouco de conhecimento sobre a nossa Província. Saibam quantas dioceses a compõe, os nomes dos bispos e na medida do possível as lideranças se conheçam. Existe entre nós uma vantagem, pois os nossos seminaristas estão sendo for-

mados juntos com outros seminaristas da Província, no Seminário Arquidiocesano de Brasília. Futuramente, ao menos no clero, os sinais de comunhão provincial poderão ser notados se a mesma for construída desde agora.

**7. Ecumenismo.** O ecumenismo deve ser uma meta a ser alcançada. Cada Igreja tem a sua identidade. Nós temos a nossa. Quando se fala em ecumenismo não se trata de fazer proselitismo tentando convencer a outra pessoa a passar para a nossa religião. É preciso saber dialogar. Para isso é preciso ter um conhecimento seguro de sua fé. É possível encontrar pontos comuns entre as religiões cristãs. O grande ponto de unidade é o Cristo. Por isso irmãos de diferentes religiões podem se unir, especialmente na realização de obras sociais, no socorro aos pobres, enfermos. Quando houver alguma calamidade todos podem trabalhar juntos em favor da vida. É preciso que haja respeito pela religião do outro. Quando por exemplo estiver passando com uma procissão na frente de uma Igreja Evangélica, deve-se passar em silêncio em respeito àqueles irmãos. Não podemos agredi-los com nossas orações e cânticos. Em muitas famílias hoje existem pessoas de outras religiões. É preciso se respeitarem mutuamente. A Igreja permite até o casamento de mista religião, ou seja, de uma pessoa católica com pessoa de outra religião. Para isso é preciso pedir licença ao bispo.

**8. Conferência Episcopal.** Existem pessoas católicas que não aceitam a CNBB. Dizem que ela é comunista. Fazem isso devido a sua atuação social. Esquecem-se que Jesus tinha atuação social. Muitas vezes Ele mexeu com os poderes constituídos. A CNBB tem uma história de Evangelização, de proteção da vida e é uma entidade muito respeitada na sociedade e pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Muitas vezes projetos de leis são mudadas por causa da atuação da CNBB. Ela é um organismo de comunhão dos bispos do Brasil. Cada bispo tem sua personalidade, sua linha de ação, mas quando se trata de reunir para decidir, o trabalho é feito com muita seriedade. Trabalhamos em comunhão com o Papa. Em todas as assembleias enviamos uma carta a ele. Os documentos que precisam de aprovação da Santa Sé são enviados a ela antes de serem apresentados à Igreja no Brasil. Temos lindos momentos de oração. Um dos momentos que marcam a Assembleia é a confissão dos bispos. Todos buscam o perdão na pes-

soa de um irmão. A CNBB é um organismo reconhecido pela Igreja. Desejo que em nossa diocese não exista ninguém que semeia alguma semente maldosa contra esse importante organismo. Acolhamos com alegria os documentos da Igreja no Brasil e também da Conferência Latino Americana.

**9. Diocese.** Devemos nos alegrar por nossa Diocese que neste ano celebra 60 anos de sua instalação. Nela vivemos nossa comunhão eclesial. Devemos conservar um amor filial por essa Igreja. Os problemas que surgirem devemos com caridade procurar solucioná-los. Cada diocesano deve se comprometer com a unidade da Diocese. Ela é formada por inúmeras comunidades. São 35 paróquias, cada uma tem suas comunidades urbanas e rurais. Contamos com a colaboração de muitas pastorais e movimentos. Todos estão dando a vida por Cristo na Igreja. Não podemos nos isolar. Povo unido caminha na esperança e vence os obstáculos. Temos o seminário onde se formam nossos futuros presbíteros. Temos três santuários na Diocese. Temos a presença de religiosos e religiosas, de consagrados. Não podemos nos acomodar. É preciso trabalhar com alegria, doação e muita ternura. Não podemos ser a Igreja do chicote, mas do amor, da ternura, dos que se amam e se corrigem mutuamente porque amam. Todo diocesano deve ter um vínculo afetivo com essa amada Igreja. O bispo a partir do momento em que foi nomeado e empossado está vinculado à Diocese. Ela é sua família. Somente o Papa pode liberar o vínculo de um bispo com sua Diocese, no caso quando se faz uma transferência. Vivamos essa alegria da comunhão.

## **10. Pastoral**

Para que uma Diocese cumpra a sua missão se faz necessário ter organizado o seu agir pastoral. Não se pode agir como se fossem vários jogadores num campo, cada um jogando como quisesse, sem nenhuma orientação. É preciso agir organizadamente. Para que a ação pastoral possa acontecer estamos organizados em foranias, temos o Conselho de Pastoral, realizamos assembleias, avaliações e nos norteamos pelo Plano de Pastoral, do qual estão nascendo os projetos pastorais elaborados pelas cinco comissões diocesanas.

**11. Assembleia Diocesana.** A assembleia é o grande organismo de comunhão pastoral de uma Diocese. Ela tem poder de decisão. O que se decide nela deve ser levado muito à sério. Somente por um motivo muito grave os convocados podem ausentar-se da assembleia. É dever de todo padre, comunidade, pastoral e movimento participar do processo de construção da assembleia, estar presente no dia de sua realização e acolher de forma prática o seu resultado. As comunidades e pastorais participam através de seus representantes.

**12. Plano de Pastoral.** A partir da assembleia surge o Plano de Pastoral. Ele é como a luz no caminho. Não vamos chegar ao sol, mas ele nos ilumina. Não se pode desconsiderar o Plano de Pastoral em uma Diocese. Ele é um importante instrumento para se viver a comunhão. Por esse motivo deve ser conhecido dos agentes de pastoral e movimentos. Não pode ficar engavetado. Os projetos pastorais que nascem dele, elaborados pelas comissões constituídas para esse fim, devem ser assumidos com muita seriedade.

**13. Conselhos.** A Diocese tem os seus conselhos conforme vimos no capítulo anterior. É necessário que em cada paróquia existam os Conselhos de Pastoral e Econômico Administrativo. A existência deles é obrigatória. O pároco procurará ouvir sempre esses conselhos. Os vigários paroquiais precisam participar das reuniões dos mesmos.

**14. Liturgia.** A comunhão na Liturgia é algo bonito que existe na Igreja. O Rito dá unidade à celebração. Ele é como o leito de um rio. As águas são diferenciadas, encontram obstáculos variados, mas seguem o mesmo rumo. A mesma Palavra de Deus proclamada nas nossas comunidades é proclamada na Igreja inteira. Devemos, portanto, respeitar e valorizar a Liturgia, pois ela forma santos. A Liturgia seja celebrada em sintonia com a Liturgia da Igreja. Nada de ficar inventando moda que distorça a comunhão litúrgica. Para que haja unidade em nossa Diocese deve-se seguir o nosso Diretório Litúrgico Pastoral. Ele não é rito. O Rito é universal com as especificações das conferências episcopais locais. O Diretório é próprio de cada Diocese em sintonia com as normativas da Igreja. É meu desejo que nosso Diretório seja cada vez mais conhecido, estudado pelas pessoas de nossas comunidades e colocado em prática. Ele vai nos ajudar na nossa unidade litúrgica, respeitando as particularidades.

**15. Pastorais.** Todas as pastorais devem se unir, realizando um trabalho organizado. Os conselhos podem ajudar muito na condução para essa unidade. Não é cristão pastorais ficarem se desentendendo, sem dialogar. As dificuldades devem ser solucionadas através do diálogo. Deve ser levado em consideração que o cumprimento da missão a partir de Jesus é que faz sentido. O amor é o grande sinal dos discípulos de Jesus. “Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). As pastorais e movimentos devem ser geradoras de comunhão.

**16. Sacramentos.** Devemos buscar sempre a graça dos sacramentos. A Eucaristia é o sacramento da unidade. Sempre que alguém sentir que exista alguma situação pessoal que está rompendo a unidade, reze na Eucaristia na intenção dessa pessoa. O milagre da comunhão vai acontecer, mesmo que demore um pouco. Já vivenciei isso várias vezes em meu ministério episcopal. Às vezes a comunhão parece estar se rompendo devido a algumas incompreensões. As pessoas envolvidas são colocadas na Eucaristia por mim e a comunhão posteriormente acontece, ou porque percebo que preciso mudar, ou a mudança acontece na outra pessoa. A penitência reata nossa amizade com Deus. A comunhão volta a ser vivida. Existem muitos casais que não estão na plena comunhão matrimonial. Aqueles que podem se casar devem ser acompanhados pastoralmente e incentivados a darem esse passo. Aqueles que vivem na segunda união deve-se verificar se de fato houve matrimônio. Caso seja possível pode se encaminhar para conseguir a declaração de nulidade, se casarem e, então, poderão viver a plena comunhão matrimonial. Estamos trabalhando para instalar o nosso Tribunal Eclesiástico que vai facilitar o andamento dos processos. Creio que neste ano já daremos entrada para a instalação do Tribunal. Nos demais sacramentos também se vive a comunhão com Cristo e com a Igreja. O sacramento da Ordem torna o sacerdote o homem da comunhão com o bispo, com a Igreja e especialmente com Cristo.

**17. Visitas pastorais.** Um momento de grande significado na vida do bispo é a Visita Pastoral. É um tempo em que ele vai a uma comunidade e aí permanece por alguns dias para rezar com as pessoas, visitá-las, conhecê-las melhor, pregar e se inteirar da vida paroquial. Trata-se de momento de comunhão. O pastor conhece melhor as ovelhas e elas o conhecem.

**18. Comunhão ferida.** É preciso cuidar muito daquelas pessoas que estão com a comunhão ferida. Muitos esses abalos acontecem por incompreensões, por conflitos surgidos. Viver consiste na arte de solucionar problemas. Não existe vida sem dificuldades a serem superadas e trabalhadas. Muitas ovelhas feridas se afastaram, outras perderam o encanto e se distanciaram do rebanho. O Papa Francisco nos dá o indicativo dizendo que é preciso ser Igreja em saída, que vai ao encontro das pessoas afastadas, especialmente das que estão nas periferias existenciais.

### **19. Clero**

Os presbíteros quando vivem em espírito de comunhão ajudam muito a Diocese. O Cardeal Hummes disse que a “Igreja caminha com os pés dos padres”. Não pode haver corporativismo, mas comunhão. Pelo corporativismo as categorias profissionais se unem em defesa de seus próprios interesses. Na Igreja a doutrina corporativista não se aplica. O que deve existir é a comunhão. A fraternidade sacerdotal está para além de vínculos afetivos e sanguíneos. Está vinculada ao sacramento da Ordem. Trata-se de uma fraternidade sacramental que une os presbíteros ao bispo, à Igreja e a Cristo.

Para se viver bem a comunhão, o presbítero precisa abrir mão de alguns projetos pessoais para se inserir no projeto ao qual se inseriu ao ser ordenado. Por isso precisa ficar atento para não se afastar do presbitério, especialmente naqueles momentos que pedem a sua presença enquanto membro de um presbitério.

Um presbitério unido faz muitas reuniões, encontros e visitas. Não faz sentido estar agendada uma reunião da forania, ou da Diocese e o presbítero agendar outro compromisso naquele dia. Quando isso acontece, manifesta-se um contratestemunho referente à comunhão. São momentos fortes de comunhão de um presbitério: reuniões das foranias, reuniões do clero, retiro, atualização teológica, Missa do Crisma, ordenações, reuniões dos conselhos diocesanos. Somente um motivo grave permite a ausência nestes eventos.

As visitas são momentos fortes de comunhão. É preciso fazer visitas nos momentos alegres e nas dificuldades. Os irmãos presbíteros devem ficar atentos para perceber o que de bom está acontecendo na

vida de um irmão, ou se ele está passando por algum momento difícil. Uma visita de irmão sem julgamento, sem curiosidade doentia e sem arrogância ajuda muito. Recordo-me de uma vez que fui visitar um amigo padre que estava com um câncer que o levou à morte. Rezamos juntos. Percebi o quanto ele ficou feliz. Por duas vezes visitei dois padres que estavam presos. É dolorido ver um irmão atrás das grades. Mesmo depois que saíram da cadeia e deixaram o ministério conservamos a amizade. Uma boa visita é sempre curadora. As visitas na ocasião do luto são coisas que quem as recebe nunca as esquece.

Quando a comunhão é apenas entre os padres, a mesma tende a se tornar corporativismo. Por isso é preciso abrir à comunhão com o bispo, com os cristãos leigos e com Cristo, o Bom Pastor.

A fidelidade ao ministério e à Diocese é muito importante. Não se pode ficar padre pensando como se fosse algo provisório. Não se pode começar o ministério com um projeto fantasia, diz uma coisa, mas está pensado outra. Nunca se deve achar que já serviu suficientemente à Diocese e por isso pode ir em busca de seus projetos, ou aspirações pessoais. O tempo de serviço de um presbítero para uma Igreja Particular é o tempo de duração da sua vida. Quando é ordenado ele faz a entrega total de sua vida. Mesmo quando renuncia os encargos por idade, ou doença continua prestando o serviço na oração e no testemunho. Caso algum dia tenha que ir servir em outra diocese ou realidade, que o vá enviado. Aí está o sentido da comunhão na missão. Alguém que parte não porque quer, mas porque é enviado. Parte porque a Igreja Particular sentiu a necessidade da outra, ouviu seu clamor e decide enviar-lhe. Quem se casa, mas está de olho em outra pessoa põe em risco sua relação matrimonial. É bastante estranho se algum padre é ordenado, mas na verdade seu projeto não é o de servir à Diocese, ou pensa servi-la temporariamente. Essa questão precisa ser resolvida durante o tempo da formação. A fidelidade sacerdotal dá segurança na vida eclesial. Precisamos de sacerdotes cada vez mais fiéis à Diocese.

Os presbíteros ao serem ordenados fazem o voto de obediência. Com esse voto se colocam à disposição para servirem onde for necessário. A vivência deste compromisso gera santidade e maturidade. Os cristãos leigos são chamados a seguirem a obediência dos padres. Quando há uma transferência, mesmo que haja sofrimento, deve ser acolhida como uma necessidade da Igreja.

É muito importante que todos os presbíteros estejam abertos à comunhão com as realidades mais carentes. Existem comunidades paroquiais que não podem oferecer muitos recursos. No espírito evangélico da pobreza, aqueles presbíteros que se dispõem a trabalhar nestas realidades dão um grande testemunho de comunhão com os irmãos pobres e seu testemunho deve gerar o desejo de partilha em quem tem mais. Nossa Igreja Diocesana teria uma feição triste, se não houvesse o testemunho destes irmãos que servem nestas regiões mais pobres.

## **20. Religiosos e consagrados**

Os religiosos e consagrados têm suas Regras a seguirem nas Congregações, Institutos e Comunidades. São chamados a viverem a comunhão entre si e com seus superiores. Mas enquanto exercem o apostolado na Diocese também precisam estar em comunhão com o Bispo, com o presbitério, com os cristãos leigos, com o Plano de Pastoral e com toda Igreja Diocesana. Caso não haja comunhão, corre-se o risco de se tornarem prestadores de serviço sem o vínculo eclesial. Vivenciando a comunhão diocesana colaboram para a eficácia das ações pastorais.

## **21. Seminaristas**

Os seminaristas estão no seminário se preparando para serem presbíteros. Existem variados períodos de formação nos quais passa-se do discernimento ao amadurecimento. É preciso que eles conservem e sejam formados no sentido de comunhão. Nunca queiram romper a comunhão com o reitor, com o bispo e com a Igreja. É preciso crescer no amor à Igreja. Não faz sentido um seminarista falar mal da Igreja que o está preparando para ser seu ministro. A comunhão do seminarista se expressa nos gestos concretos de sua vivência no Seminário através do cumprimento amoroso da programação diária: orações, estudos, convivência, trabalho, lazer e apostolado. A comunhão deve fazer parte do projeto de crescimento de cada um para o bem maior da Igreja.

## **22. Cristãos leigos**

Os cristãos leigos conforme o documento 105 da CNBB, são “sal da terra e luz do mundo” (cf. Mt 5,13-14). Para a eficácia do apostolado deles deve-se considerar a comunhão como ponto fulcral. Assim como o Bispo e os presbíteros desejam viver em comunhão com eles, é preciso

que os mesmos sejam pessoas de comunhão. Um cristão leigo autêntico acolhe as diretrizes da Igreja, vive em sintonia com elas, tem a alegria de estar em comunhão com os projetos diocesanos e paroquiais. Todo pecado que rompe a comunhão não pode ser aceito por quem deseja crescer numa fé autêntica.

É sinal de que se pertence a uma comunidade eclesial quando há “testemunho de uma comunhão sólida com o Papa e com o bispo, na estima recíproca de todas as formas de apostolado na Igreja. Esta estima se concretiza ainda mais com o pároco e a equipe de presbíteros da paróquia formada em rede de comunidades” (Doc. 105 da CNBB).

O cristão leigo atua como sujeito de nos seguintes âmbitos de comunhão: família, paróquia e comunidades, conselhos pastorais e de assuntos econômicos, assembleias e reuniões pastorais, pequenas comunidades, movimentos eclesiais, associações de fiéis e novas comunidades.

### **23. Financeiro**

Toda organização eclesial não visa lucro, mas precisa conseguir recursos para manter seus projetos de atuação. Assim tanto a sede da Diocese como as paróquias necessitam da partilha generosa dos fiéis para que o Evangelho alcance mais pessoas. Desde quando cheguei na Diocese, tenho percebido um contínuo avanço em construções, reformas e ajuda solidária. A Igreja no Brasil também avança em projetos de solidariedade. Toda Diocese colabora com 1% de sua receita com o fundo de solidariedade nacional para a formação de presbíteros naquelas dioceses que não têm muitos recursos. Da contribuição que as paróquias, mensalmente, enviam à sede, uma parte é reservada para esse sustento dos seminaristas que estão se formando nas dioceses com menos recursos.

Ninguém é tão pobre que não possa contribuir com nada. Os fiéis contribuem com as paróquias e Diocese através do dízimo, esmóltulas, coletas e outras promoções. O dízimo é uma preciosa forma de comunhão e partilha. O ideal é que se crie a consciência de devolver 10% à Deus através de sua Igreja. É preciso crescer nesse sentido. Muitas paróquias têm o dízimo infantil, juvenil e adulto. Quando se faz alguma promoção, ou realiza-se uma festa é bonito ver o envolvimento das pessoas em favor da comunidade.

Uma paróquia é responsável pela manutenção de seu patrimônio, das pastorais, formação dos leigos, seminaristas, diáconos e manutenção dos padres que nela trabalham. Para o bom funcionamento é necessário que existam funcionários, equipamentos e tudo isso exige recursos.

Cada paróquia envia mensalmente 10% da sua receita à Cúria Diocesana. Com essa contribuição se faz a manutenção da Cúria com todos os seus funcionários e equipamentos, manutenção da residência episcopal, do bispo, veículo, formação dos seminaristas e padres, sustento de padres em missão, reformas e construções, partilha solidária, socorre-se alguma eventual necessidade, paga-se a mensalidade ao Regional Centro-Oeste da CNBB, cobre-se taxas, impostos, pastoral e muitas outras despesas necessárias.

Tem crescido a consciência da partilha solidária entre as paróquias. Temos testemunho de doações feitas por paróquias a outras com menos recursos. As paróquias que recebem um dízimo acima de 17 salários mínimos contribuem com 1% do mesmo para o fundo de solidariedade do clero. Esse fundo complementa a cônica dos sacerdotes que trabalham em paróquias com menos recursos e que não conseguem pagar dois salários ao seu pároco. Desta forma todos os sacerdotes na Diocese recebem o mesmo valor.

## Conclusão



Nasci da comunhão de Deus com a humanidade. Deus sempre quis estar no nosso meio. Nasci da comunhão de meus pais no sacramento do Matrimônio. Cresci na comunhão de fé na Igreja e da Igreja. Ingressei no seminário para viver a comunhão dos chamados ao sacerdócio. Entrei para a comunhão na ordem dos presbíteros. Cristo me chamou para a comunhão no episcopado e a cada dia, apesar da minha fragilidade renovo o meu desejo de permanecer com Ele. “Permaneçei em mim” (Jo 15,4).

Uma pétala isolada não mostra a beleza da rosa. Mas quando as pétalas estão unidas, então a rosa se torna visível, exala perfume e contagia o ambiente com sua harmonia. A Igreja é uma rosa formada por muitas pétalas. Pétalas caídas são simplesmente pétalas, mas se unidas são rosas. A comunhão nos dá uma amplitude bonita.

Ao completar meus dez anos de bispo, vinte e cinco de padre, dez da V Conferência de Aparecida, cinquenta da Renovação Carismática Católica, sessenta da instalação da Diocese de Uruaçu, cem da aparição de Nossa Senhora de Fátima, trezentos do encontro da imagem da Virgem da Conceição no Rio Paraíba me senti no desejo de dizer uma palavra aos meus diocesanos, amigos, parentes, irmãos no sacerdócio e para as pessoas que a desejarem receber. A palavra que me soou forte foi a comunhão. Cada um de nós é uma pétala da rosa. As rosas surgem, crescem e manifestam beleza porque estão unidas à roseira. Da comunhão na Igreja nos vem nossa beleza.

Desejo que o Jardineiro Divino cuidando de Sua roseira nos ajude a permanecermos sempre em comunhão. Quanto mais unidos estivermos, maior será o nosso testemunho que faz a fé aumentar.

Para não desviar da mente o projeto de comunhão quis retomar a minha história inserida numa outra maior que é a História da Salvação. Se alguém está com dificuldades de unir os pedaços de sua vida, de reencontrar a fé é muito importante olhar para trás e perceber uma contínua busca de comunhão, primeiramente por parte de Deus e depois por parte de seus filhos vacilantes. Ao contemplar essa bela história de Deus na minha vida me senti como os ramos da videira, como um apóstolo chamado a seguir Cristo, a participar com alegria dos organismos de comunhão e dar indicações práticas para que a comunhão seja vivida mais intensamente.

O Imaculado Coração de Maria, nosso padroeiro diocesano, nos ajude a termos um coração dócil, acolhedor e nos santifique pela presença do sagrado em nós. Em comunhão prossigamos nosso caminho de fé.

## Oração ao Imaculado Coração de Maria



Oh Imaculado Coração de Maria, nosso padroeiro diocesano!

A Vós nos dirigimos implorando Vossas Bênçãos para nossa amada Diocese de Uruaçu.

Vós que soubestes fazer silêncio diante da manifestação do mistério divino, guardando tudo em Vosso coração, ajudai-nos a guardar, em nós, o que por misericórdia divina nos é manifestado por meio da evangelização.

Tornai-nos discípulos missionários de Vosso Filho, ponde em nossos corações sentimentos bons, ajudando-nos a amar a Jesus do jeito que Vós O amastes. Que a beleza da mensagem do Vosso Filho nos entusiasme a sermos fiéis no seguimento a Jesus, sem nunca abandoná-Lo.

Abençoai nossa Igreja Particular, as pessoas que estão a serviço da evangelização e a todos que vivem no território de nossa Diocese.

Suscitai em nossa Igreja, santas vocações ao ministério ordenado, à vida religiosa, consagrada e laical. Fazei que as famílias, sendo reflexos do Vosso amor, se tornem celeiros de vocações.

Fazei que a fé e o amor demonstrados por Vós, aos pés da cruz, seja o sustento aos enfermos, aos idosos e a todos que estão mergulhados em algum sofrimento.

Com o mesmo amor que cuidastes de Jesus, cuidai de nós e fazei que o nosso coração seja puro, pois a cada dia queremos melhorar a nossa qualidade de vida e ultrapassar os limites do mistério humano,

Oh Coração Imaculado, abençoai-nos com Vossa Graça. Amém.